

ECOS

da Companhia



RENOVAR-SE, ATRAVESSAR, CAMINHAR

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:

ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

Nº 1 - 2023



Sumário

- 2 INTRODUÇÃO
Um percurso renovado

1 - PALAVRA DOS SUPERIORES

- 4 Carta de 1º de janeiro de 2023
Irmã Françoise Petit, Superiora Geral
- 9 Carta de 2 de fevereiro de 2023
Irmã Françoise Petit, Superiora Geral
- 18 Encontro com o Papa Francisco
Irmã Françoise Petit, Superiora Geral
- 19 Quaresma 2023
Fazer das nossas famílias e das nossas Comunidades uma antecipação do Céu
Padre Tomaz Mavrič, Superior Geral

Nossa Senhora
introduz na Igreja
a atmosfera de casa,
duma casa habitada
pelo Deus da novidade.
Acolhamos maravilhados
o mistério da Mãe de Deus...
aclamemo-La "Santa Mãe de Deus!"
Deixemo-nos olhar,
deixemo-nos abraçar,
deixemo-nos tomar pela mão... por Ela.
Um mundo que olha para o futuro,
privado de olhar materno,
é míope.

Homilia do Papa Francisco,
1º de janeiro de 2019

2 - RENOVAR-SE NO ESPÍRITO

- 26 Vem, sopro de Deus!
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral

3 - ATRAVESSAR PORTAS

- 38 A sinodalidade
Percorrer juntas o caminho da humildade
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

4 - CAMINHAR JUNTAS

TESTEMUNHOS

- 55 50 anos de presença no Burundi e em Ruanda
Província da África Central
Um grupo de Filhas da Caridade
- 61 Projeto Promove Sepetiba
Província do Rio de Janeiro (Brasil)
Irmã Rizomar Bonfim Figueiredo, Filha da Caridade
- 63 Ação do Espírito Santo no mundo
Senhor Michel, Quebec (Canadá)

UM PERCURSO RENOVADO

A nova equipe da coordenação dos Ecos optou por nos oferecer um itinerário renovado para este ano, com cinco seções destinadas a nos ajudar a continuar nossa caminhada, ampliando nossa interioridade e abrindo nossos horizontes para a dimensão internacional da Companhia.

1 - PALAVRA DOS SUPERIORES

Os escritos dos Superiores são sempre convocações para abrir os limites de nosso coração, para ampliar nossa hospitalidade a fim de nos ajustarmos cada vez mais à nossa vocação de Filhas da Caridade.

2 – RENOVAR-SE NO ESPÍRITO

Esta seção tem o objetivo de nos oferecer a oportunidade de recarregar nossas energias e de nos deixar levar progressivamente a um nível mais profundo de compreensão de nossa vida de fé, à medida que o Espírito nos conduz a ir mais profundamente.

3 - ATRAVESSAR PORTAS

O Documento Interassembleias 2021-2027 nos convida a atravessar as “portas”, onde cada uma abre um caminho de conversão pessoal e comunitária. As reflexões nos darão os meios para vermos juntas como abri-las.

4 - CAMINHAR JUNTAS

A dimensão internacional da Companhia é uma riqueza que nos abre para a diversidade de nossas culturas enquanto aprendemos a caminhar resolutamente em direção à unidade. Esta seção, que dá voz às Irmãs, presentes nos 5 continentes, é uma viagem de escuta para perceber a obra do Espírito não só no coração e na vida de cada uma delas, mas também no coração e na vida dos pobres, a fim de caminharmos juntas e alcançarmos a verdadeira comunhão entre nós.

5 - 2023, “ANO DA LUZ”

No século XVII, nossos Fundadores abriram um formidável caminho de caridade em todo o mundo. Para Santa Luísa, a iluminação que ela recebeu naquele dia de Pentecostes em 1623 foi um chamado de Deus para trilhar um caminho ainda desconhecido para ela. A história da Companhia é bela em todas as suas riquezas a serem descobertas ou redescobertas; sua atualidade é o dinamismo da vida vivida em nossas comunidades, as “pedras vivas” da Companhia”.

CARTA DE 1º DE JANEIRO DE 2023

Queridas Irmãs,

“O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face, e se compadeça de ti! O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz”! (Nm 6, 24-26).

A paz... Esta inspiração inscrita no projeto de Deus para a humanidade está, portanto, longe de ser uma realidade atualmente. O ano de 2022 foi marcado por atos de violências em todos os continentes: o conflito interminável entre Israel e Palestina está desmembrando famílias, vários países africanos estão sendo provados pela ação de movimentos extremistas, a Ásia de uma maneira mais discreta é também vítima de ditaduras silenciosas e ainda a Europa, abalada, há quase um ano, pela guerra na Ucrânia.

A Companhia está presente em todos estes lugares: a Província da América Central, Nigéria, Etiópia e Eritreia, Santa Luísa de Marillac-Ásia, as Províncias da Polônia e da Eslováquia presentes na Ucrânia, sem entrar em maiores detalhes para não colocar nossas Irmãs em perigo. Mas elas estão lá com seus irmãos e irmãs que sofrem. E nós estamos próximas de cada uma delas.

Ecos da Companhia

Paz... O Papa Francisco, em sua mensagem de 1º de janeiro de 2022, fala da violência e de tudo aquilo que de uma forma ou de outra agride o mundo: pandemia, mudanças climáticas, fome... Estamos conscientes destes flagelos e, diariamente, as Irmãs, de olhos abertos, coração e mãos abertas, tentam participar da construção de um mundo mais fraterno.

A cada dia, de acordo com esta bela expressão do Papa Francisco, existe um *“artesanato da paz que nos envolve a todos”* (Cf. Fratelli Tutti, 231). *“Todos podem colaborar para construir um mundo mais pacífico partindo do próprio coração e das relações em família, passando pela sociedade e o meio ambiente, até chegar às relações entre os povos e entre os Estados”* (Papa Francisco, mensagem para o 55º dia mundial da paz).

Filhas da Caridade, estamos convictas de que também são os gestos cotidianos que podem contribuir com uma pedra, por menor que seja, para a construção da paz.

O Papa Francisco nos propõe três caminhos para *“construir uma paz duradora”*: o diálogo entre as gerações, a educação e o trabalho.

Minha atenção está voltada para o primeiro caminho, ou seja, *“o diálogo entre as gerações”*. A razão desta escolha é que temos no Documento Interassembleias, a quarta porta (*“em direção a um compromisso de caminhar juntas”*), duas orientações são explícitas sobre este assunto.

“Progridir no conhecimento das diferentes gerações e das diferentes culturas (linguagem, modos de pensar...) para viver o respeito mútuo, a verdade, a escuta e o diálogo, onde quer que estejamos”.

“Fortalecer as relações intergeracionais através da atenção recíproca e reconhecer, sempre mais, o valor do testemunho e da presença das Irmãs idosas, em vista de um enriquecimento mútuo”.

A Companhia é muito diversificada, especialmente na composição das Províncias. Algumas Províncias têm mais Irmãs idosas e outras têm mais Irmãs jovens. Seja como for, a dimensão das relações intergeracionais existe e requer *atenção recíproca* a fim de alcançar um *enriquecimento mútuo*, uma fonte de paz fecunda.



Carta de 1º de janeiro de 2023

O diálogo, o verdadeiro diálogo, implica, antes de mais nada, em tomar tempo para conhecer-se melhor e manter a capacidade de maravilhar-se com as diferenças e, em particular, entre as gerações. Quantas descobertas mútuas podem surgir de uma simples conversa em Comunidade durante uma refeição, um momento de lazer livre e fraterno!

Dedicar tempo para ouvir e conversar é fundamental para construir um clima de paz onde estamos e, especialmente, na Comunidade, onde o risco, às vezes, é de esquecer a riqueza que uma conversa pode oferecer para caminharmos juntas, não deixando ninguém de lado.

O Papa sublinha a urgência da “aliança” entre as gerações. De fato, cada uma precisa da outra, mesmo que às vezes essa necessidade não seja visível à primeira vista. Pensar que podemos cuidar de nós mesmas é uma ilusão que a sociedade atual nos faz acreditar.

Talvez seja de nosso interesse cultivar mais confiança, ou seja, estar convicta de que a outra, por sua experiência, por seu entusiasmo, pode enriquecer a reflexão, a missão, a vida espiritual... A reciprocidade se fundamenta na convicção de que o Senhor deu a cada uma de nós dons para compartilhar, independente de nossa idade. Simplesmente, estes dons são transformados ao longo dos anos e podem, se desejarmos, complementar-se harmoniosamente.

Sabemos muito bem que as mais jovens têm ideias, meios e energia para colocar a serviço de seus irmãos e da Comunidade. Sabemos também que um encontro com uma Irmã idosa, às vezes sem palavras, pode comunicar o essencial de uma vida doada a Deus. Estas são experiências mútuas que temos a graça de viver em Comunidade, desde que mantenhamos nossos corações abertos para a outra.

Todas essas partilhas criam um clima de paz que se torna missão porque o mundo precisa do testemunho desses lugares de palavra, escuta e do simples amor fraterno. O diálogo cria a paz, a paz dá testemunho de Deus.

Neste primeiro dia do ano, vamos pedir ao Senhor que nos ajude a perceber que o diálogo entre as gerações não é uma opção. É o fundamento de uma vida em comum onde cada uma é reconhecida em sua humanidade e dignidade como filha de Deus. É também o que nos permite de “valorizar

nas comunidades o sentido da missão comum, tendo a preocupação de que todas as Irmãs se sintam envolvidas nesta missão, interessem-se por ela e a coloquem na oração” (DIA, 5.4).

Com a Igreja, com o mundo, rezemos para que o “*artesanato da paz*” modele nossas maneiras de “viver juntas”, para que nossa generosidade esteja a serviço de nossas relações em Comunidade, assim como a serviço de nossos irmãos e irmãs.

“Suplico-vos, querida Irmã, que continueis rezando muito pela paz” (Santa Luisa à Irmã Juliana, C. 283, abril de 1649, p. 324).

São Vicente convida-nos também a rezar: “*Renovo a recomendação que fiz e que nunca é demais fazê-la, a de rezar pela paz, a fim de que apraza a Deus reunir os corações*” (SV XI, p. 205, 24 de julho de 1655).

Como será 2023? É difícil prever diante de tantas incertezas em todas as áreas. Entretanto, um evento significativo para a Companhia será a celebração do 400º aniversário da luz de Pentecostes em 4 de junho de 2023. Esta data abrirá um ano jubilar e eu terei a oportunidade de lhes falar sobre isso mais tarde.

No momento, estamos recebendo seus Projetos Provinciais. Muitas Províncias já o elaboraram, outras continuam trabalhando neles. Estes Projetos dão um novo impulso do qual cada Comunidade se beneficiará agora para atualizar seu Projeto Comunitário.

Observamos durante as sessões do Conselho Geral que vocês se apoiam fortemente no Documento Interassembleias privilegiando, quando possível, a abertura de Comunidades nas periferias. Por exemplo, na Província da Índia do Norte, estuda-se concretamente, com a Congregação da Missão, uma implantação em Joldam, um lugar muito próximo da fronteira com a Birmânia. Rezemos para que este projeto seja bem-sucedido.

Na Província do Equador, está prevista a abertura de uma Comunidade na Amazônia em Cruzchikta para trabalhar com os indígenas no cuidado pastoral, especialmente com os jovens e as famílias.

No Quênia (Província da Irlanda), uma nova Comunidade foi aberta em uma favela de Mombaça com alegria e com a participação da população e da Igreja local.



Carta de 1º de janeiro de 2023

Estes novos projetos, naturalmente, não compensam o número de fechamentos de Comunidades, mas mostram que a Companhia é um corpo vivo que se adapta constantemente aos contextos e as realidades provinciais.

Que o Espírito Santo continue inspirando suas Províncias e lhes dê a audácia de responder aos apelos dos pobres, assim como às necessidades das Irmãs. Neste momento, recebo várias correspondências nas quais vocês compartilham comigo o que estão vivenciando e me asseguram as suas orações. Sou muito grata a cada uma e acredite que, por minha parte, apresento ao Senhor todas as suas Comunidades e todas as intenções que me confiam.

Neste primeiro dia do ano, celebramos Maria, única Mãe da Companhia e, através da qual a Palavra se fez carne. Abençoada sejas, Maria, *“era o começo da luz que o Filho de Deus devia trazer ao mundo”* (SL, E.38, p. 843 - véspera de 8 de dezembro).

Os membros do Conselho Geral se unem a mim para pedir ao Senhor por cada uma de vocês, por suas Comunidades e por suas Províncias, as graças necessárias para realizar o que Ele pede de cada uma. Que Ele lhe dê a paz e alegria!

Fraternalmente, feliz e santo ano de 2023!

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

CARTA DE 2 DE FEVEREIRO DE 2023

Queridas Irmãs,

Num clima de fé e de paz me encontrei com o Padre Tomaž Mavrič, no dia 2 de fevereiro, para apresentar nosso pedido de Renovação. Com muita atenção e fraternidade, ele acolheu este pedido e, cada uma esteve presente durante esta partilha.

Mencionamos também a situação da Companhia, especialmente sua presença em lugares de precariedade, fome, desastres naturais e guerra. As Irmãs vivem com coragem e muita generosidade a proximidade e o serviço em toda a sua diversidade. Servir *“todos os pobres... por toda parte”* (C. 10 e C. 11) corresponde o desejo das Filhas da Caridade e esta realidade está no centro de nossa resposta em tantos lugares do mundo.

Dentro de algumas semanas, renovaremos nossos votos de castidade, pobreza, obediência e serviço dos pobres. Cada uma de nós está se preparando para este momento, tendo dedicado tempo para rezar e dialogar a fim de pedir a graça da Renovação já que nossos Fundadores tiveram a luminosa intuição de nos convidar para este acontecimento a cada ano.

Este ano, eu lhes proponho de nos concentrarmos no voto de castidade.

Falar, nos dias de hoje, sobre este voto pode parecer um exercício perigoso, reconhecamos que é muitas vezes questionado, mal compreendido ou descartado como totalmente anacrônico e, portanto, irrelevante.

Entretanto, como Filhas da Caridade, nós nos comprometemos através dos votos, ou algumas se preparam para viver *“a vida de castidade no celibato*

em vista do Reino” (C. 29a). Em seguida, a Constituição 29 nos convida a considerar a castidade como “*um dom que liberta*” uma “*fonte de fecundidade espiritual*” e um “*sinal da aliança entre Deus e o seu povo*” uma “*resposta de amor a um apelo de amor*”.

Estas são expressões ricas que, para cada uma de nós ao longo dos anos, tornam-se cada vez mais significativas e nos fazem amar esta virtude, para viver a exemplo de Cristo, como São Vicente e Santa Luísa nos ensinaram.

Mas, é tão simples assim? Como expressar e viver a castidade hoje de tal forma que ela nos dinamize no caminho da nossa doação a Deus, em Comunidade, para e com os nossos irmãos e irmãs?

Será possível viver a castidade como uma real liberdade, fruto de uma abertura a Deus que nunca é totalmente adquirida, mas sempre descoberta, sempre acolhida?

Todo ser humano tem o desejo de amar e de ser amado e, no entanto, as relações humanas são muitas vezes complicadas. Como pessoa consagrada, Filha da Caridade e, no mundo, é essencial viver de forma mais clara possível as nossas relações para que, se uma tempestade surgir, o que é inevitável, tenhamos pontos de apoio suficientes para retomar o caminho livre e tranqüila.

A castidade como **um dom que liberta, uma maneira de ser, uma fonte de alegria.**

A castidade: um dom que liberta

A Constituição 29 enfatiza a castidade como um “*dom que liberta*”, mas acima de tudo deve ser acolhida porque é Deus quem dá a graça da vocação e a graça de poder correspondê-la, especialmente através do voto de castidade.

Talvez seja necessário, antes de nos aprofundarmos no voto e na virtude da castidade, fazer-nos novamente duas perguntas fundamentais: A que Deus respondi? O que é este dom a ser acolhido?

“Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a vossa salvação que preparastes diante de todos os povos, como luz para iluminar as nações, e para a glória de vosso povo de Israel” (Lc 2, 29-32).

Será que somos confiantes como Simeão, em paz e prontas para receber aquele que espera nossa resposta e nossa acolhida?

A que Deus respondi?

Acreditamos em um Deus bom, próximo dos homens e mulheres de todos os tempos, assim como de cada uma de nós hoje, porque a Palavra se fez carne. Neste sentido, a castidade não é um ideal a ser alcançado, distante e desencarnado. É o que nossas Constituições chamam, com razão, de *“resposta de amor a um apelo de amor”*.

Desde o início de nossa vocação temos fundamentado nossas vidas em Deus. *“Doadas a Deus para o serviço de Cristo nos pobres”* (C. 16a). O chamado para segui-lo ressoou em cada uma de nós e, com fé e generosidade, respondemos “sim”. Sentimo-nos prontas para tudo, para dar nossas vidas e até mesmo, por que não, até o martírio! Este primeiro “sim” é belo, é sinal de uma vocação nascente que, pouco a pouco, se aprofundará, se tornará mais autêntica e se encarnará na realidade com tudo o que somos. Deus chama no concreto de nossa vida, sem nunca se impor, porque conhece nosso caminho de vida e perdoa antecipadamente nossos desvios.

“Resposta de amor a um apelo de amor”: Deus tem a iniciativa, Ele amou primeiro e, acreditamos, que Ele cuida de cada uma de nós em particular. Ele só pede o que é possível porque Ele cuida do impossível. É este amor sem limites que dilata nossos corações para nos colocar à disposição dos nossos irmãos e irmãs. Como não lhe agradecer?

“Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi e vos constituí para que vades e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15, 16).

Durante estas poucas semanas antes da Renovação, não poderíamos reservar um tempo para rever pessoalmente a que Deus respondemos. Quem é Ele para cada uma de nós? Comunitariamente, também podemos partilhar sobre esta questão. Sabemos bem que as partilhas comunitárias, quando tocam nossa fé, constroem o “viver juntas” e desenvolvem nossa capacidade de nos doar mais, pois são momentos verdadeiros que nos fazem ir ao essencial e nos enriquecem. *“Dedicar tempo e encontrar meios de escutar-se mutuamente e de partilhar”* (DIA, 3.3).

Quem é esse Deus com quem caminho e que me chamou pelo nome?

Acolher a castidade como um dom que liberta

A castidade é *“um itinerário de vida, um processo progressivo feito de desapegos e de inversão dos centros de interesse para melhor amar, ou seja,*

amar conforme as dimensões do Coração de Jesus Cristo. É necessário contar com a graça de Deus, com o tempo e ser muito humilde” (Guia Preparar-se para os votos, capítulo 4, p. 61).

Como as renúncias, que tocam o íntimo, podem ser libertadoras? Como podemos assumir o vazio causado pela ausência da maternidade, como sendo o lugar de outra fecundidade?

Cada uma experimentou aqueles momentos de luz intensa quando a liberdade interior se torna uma realidade. Estes são frutos, muitas vezes invisíveis para o mundo. Eles nos permitem ir para nos encontrar livremente sem buscar um retorno porque não renunciamos ao amor, mas buscamos amar *“as dimensões do coração de Jesus Cristo”*.

No entanto, reconhecamos que esta escolha feita livremente, de viver castamente, é um desafio e, acima de tudo, um paradoxo. É a do mistério pascal, a do Evangelho. *“Aquele que perder a sua vida por amor de mim e do Evangelho, irá salvá-la”* (Mc 8, 35). A castidade *“implica participação no Mistério Pascal, mistério de morte e de vida”* (C. 29b).

Concretamente, pode acontecer que a carência, especialmente no plano afetivo, seja sentida. Não se trata de negá-la ou de espiritualizá-la rapidamente, mas sim, de nomeá-la, de ser acompanhada para entender o que está acontecendo, de conhecer-se melhor para superar um momento mais tumultuado. Pode-se traduzir em um sentimento de grande solidão, de dúvida, que causa sofrimento ou isolamento e se torna um obstáculo para deixar livre o espaço interior.

Comprometer-se neste caminho é ser levada a fazer passagens, entre outras, do medo à confiança. É bom nos perguntarmos quais são os medos que podem nos habitar. Medo de ficar sozinha? Por quê? Medo de ser livre? Por quê? Medo do futuro? Por quê? É um verdadeiro trabalho que é indispensável para caminhar, não tensas, nem confiando apenas em nossas próprias forças, mas livremente, com nossos corações e olhos voltados para o Senhor.

É sobretudo a graça de Deus que nos ajuda, mas também o tempo e a humildade para avançar neste caminho de amor, o de Deus, o de nossos irmãos e irmãs. Trata-se de aprender a ser livre e profundamente plena, a se tornar o que somos chamadas a ser: plena e em paz com Deus, plena e verdadeira em nossas relações com os outros.

Acolher a castidade como um dom que liberta é um caminho que envolve a aceitação de viver e amar de forma diferente.

É uma resposta de fé que é igualmente humana e generosa para se deixar invadir por aquele amor de Deus que torna capaz de dar a vida por seus amigos.

A castidade: uma maneira de ser

A maneira de ser engloba a totalidade da pessoa no tempo e uma certa unidade de vida. Vejamos a profetisa Ana na passagem do Evangelho de hoje:

“Ela não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia em jejuns e orações” (Lc 2, 37).

Seu tempo é para Deus e há muito tempo. Ela é fiel para servi-lo na vocação para a qual Ele a chamou. Ela pode nos inspirar.

Nossa vocação é permanecer em Deus na fidelidade, em todo o tempo e no desejo de unificar nossas vidas gradativamente. Somos chamadas a servir a Deus segundo a nossa vocação, ou seja, servir os nossos irmãos e irmãs mais pobres.

Voltemos à castidade. O *“viver juntas”*, seja em Comunidade ou com as pessoas que encontramos e que estão a nossa volta, os irmãos e irmãs mais pobres, os colaboradores... é a própria essência de humanidade. É a principal característica do ser humano. De fato, toda vida precisa de vínculos, encontros, amizade e fidelidade. É esta vida de relação que constrói nossa unidade de vida, aquela que corresponde ao projeto de Deus para cada uma de nós.

A castidade é a virtude que *“resulta ser condição preciosa para o crescimento genuíno do amor interpessoal”* (Amoris Laetitia, 206).

Jesus nos mostrou o caminho. Todas as suas relações com as pessoas são modeladas em sua relação com seu Pai, através do Espírito.

Na contemplação deste Deus Trino e na meditação do Evangelho, em particular nos encontros de Jesus, podemos encontrar algumas orientações para nos ajudar a progredir na maneira de ser casta consigo mesma, com Deus, com os outros. Nisto, podemos dizer que a castidade é uma maneira de ser porque toca todas as dimensões relacionais da vida.

Consigno mesma

A castidade começa consigo mesma. Trata-se de acolher com a mesma liberdade interior e distância necessária para ver melhor seus dons, assim como suas próprias limitações.

Quantas vezes podemos nos surpreender com a facilidade com que sentimos decepção diante de nossas próprias falhas, fracassos, incoerências... Recusar esta parte de nós mesmas expressa um desejo excessivo de dominar a imagem que desejamos dar a nós mesmas e aos outros.

O desânimo diante da intensidade da missão, as numerosas solicitações que não podem ser respondidas, as situações sem soluções, expressa um sentimento de onipotência que nos habita inconscientemente e é um obstáculo para superar a frustração.

Nem tudo é possível. Aceitar isto humildemente, reconhecer que só Deus salva, é um caminho de libertação interior, fruto de uma castidade em processo de crescimento.

Com Deus

Deus nos dá gratuitamente, amemo-lo gratuitamente. Ele nos convida a pedir-lhe, peça-mos-lhe, mas mantenhamos este reflexo de louvor e de gratidão. *“Nele, se alegra o nosso coração, em seu santo nome confiamos”* (Sl 32, 21).

“Não me retenhas” (Jo 20, 17). Deus foi ao encontro de Maria Madalena da mesma forma que vem até nós, Ele espera por nossa resposta e que entremos em uma relação de amor. No entanto, esta é uma relação à imagem da Trindade, na qual as pessoas permanecem distintas umas das outras.

Simeão e Ana são testemunhas desta maneira de viver em Deus. Eles têm uma relação com Deus de espera, de proximidade, porém se mantêm como aqueles que reconhecem que são criaturas, tendo recebido a vida de seu criador.

Com os outros

Sabemos bem que a castidade não se limita ao campo da sexualidade. É uma atitude muito mais ampla de respeito pelo outro, de respeito por sua diferença. Ela recusa a possessão sobre o outro, de reduzi-lo, de dominá-lo, de impedir que seja ele mesmo...

Podemos encontrar exemplos da vida cotidiana onde, com lucidez, podemos perceber que todas nós precisamos rever algumas das nossas atitudes de como estar com os outros. Por exemplo, até que ponto minha maneira de ajudar não invade a liberdade do outro seja na Comunidade ou na missão?

A proximidade certa não invade. Isso exige que estejamos no lugar certo em gesto, em palavra, em ação. Saibamos avaliar em Comunidade nossas maneiras de estar entre nós e com os nossos irmãos e irmãs pobres. É muito fácil e sem querer, fazer do outro uma posse, especialmente os mais vulneráveis.

O Papa Francisco em sua encíclica *Fratelli tutti* (nº 56 a 86) desenvolve amplamente a parábola do Bom Samaritano. O comportamento deste homem é uma ilustração de um amor casto concretizado pela abertura a todos; ele não escolhe o ferido. Sua ação é ao mesmo tempo espontânea e reflexiva, ele escolhe colaborar com os outros, sua atitude de proximidade é de compaixão e de respeito sem querer se tornar dono do homem ferido, que nunca será um objeto, mas uma pessoa capaz de se levantar novamente.

Como vivemos nossas relações? O fenômeno da influência sobre o outro não é reservado para os abusos mais graves. Ele pode infiltrar-se silenciosamente, através da sedução, abuso de poder por meio de palavras ou atitudes. Permaneçamos vigilantes e trabalhemos para respeitar e manter a distância certa, marcas de castidade, a da vida cotidiana.

A castidade: fonte de alegria

A castidade toca a vida afetiva, a todas as formas de relações, ao equilíbrio de vida, a tudo o que nos faz existir.

Para que ela se torne fonte de alegria, existem três portas que podem nos conduzir: *“no reconhecimento e na alegria”* (C. 29b), em direção a uma maneira de viver a castidade que nos torne capazes de nos doar sempre mais aos outros, em coerência com a nossa vocação.

A porta da simplicidade

Muitas vezes as dificuldades relacionadas à castidade provêm de uma fragmentação interna, de uma unidade insuficientemente construída, de uma fragilidade ligada a uma maturidade espiritual e humana que precisa ser mais desenvolvida.

Tudo isso cria uma divisão dentro de si mesma, um terreno fértil para relações não castas em qualquer nível.

A simplicidade é uma das virtudes que pode nos sustentar no caminho, porque ela *“as leva diretamente a Deus”* e *“conduz a buscar, amar a*

verdade defendendo-a nas situações de injustiça; agir com transparência, autenticidade e coerência nas palavras e na vida” (C. 18b).

Uma Filha da Caridade, tendo uma alma simples, será gradualmente capaz de acolher os acontecimentos, suas emoções, os outros com autenticidade e com respeito, sinais de uma castidade bem vivenciada.

A porta da abertura ao mundo

A castidade pode nos fazer passar por um sentimento de solidão. Isto é simplesmente humano, mas se permitirmos que este sentimento se instale, ele corre o risco de ser amplificado, de se transformar em um fechamento em si mesma; tornando-se um isolamento mortificante, invadindo o espaço interior, que se torna incapaz de receber a graça de Deus.

A etapa seguinte é de se isolar da Comunidade, de não ver as situações de pobreza à nossa volta e de perder a alegria e a esperança.

Existe então o risco de submeter-se à castidade e de não mais estar em uma adesão livre.

Ephata! Nos momentos de aridez no caminho da castidade, tenhamos este reflexo de abertura ao mundo, ou seja, aos outros. Descentrar-se e ir ao encontro das Irmãs de Comunidade, sair ao encontro daqueles que sofrem com a solidão não escolhida e com uma existência de exclusão e de precariedade são passos que nos conduzem a um recomeço.

Em seguida... *“Olhar para Maria, sobretudo, quando o “vinho” da alegria e da esperança faltar” (DIA, 1.8).*

A porta da amizade evangélica

Quando a castidade se torna uma fonte de tristeza e não mais de alegria, perguntemo-nos: qual é o clima da Comunidade? No Documento Interassembleias, uma das orientações da porta 2, nos convida a *“Comprometer-se a criar, nas Comunidades e no serviço, um ambiente evangélico de fraternidade, de alegria... de acolhida e de afeição”*.

Será que nosso “viver juntas” é algo obrigatório com o mínimo necessário de momentos comunitários ou temos o prazer de nos encontrar, conversar com confiança, rir?

Reconheçamos que não somos apenas seres espirituais acima das leis humanas. Precisamos de lugares onde a amizade possa ser vivenciada e a

Comunidade possa, ou deva tornar-se aquele espaço onde ela seja vivenciada e construída pouco a pouco. Quanto mais encontramos um clima de amizade na Comunidade, mais ela será um lugar de renovação humana e missionária, porque onde há amizade, é um pouco da solidão que desaparece.

Jesus tinha amigos, sem nunca excluir ninguém. Jesus chorou por seu amigo Lázaro, aqueles que Ele conheceu se sentiram amados, seu olhar expressava a autenticidade da relação.

A amizade é um valor evangélico, sinal de clareza, de gratuidade e de alegria. Não tenhamos medo de amizades que estejam abertas a todos e que nos apoiem na nossa caminhada humana e espiritual.

Com reconhecimento pelo dom da vocação, preparemos nosso coração para dizer-lhe novamente “Sim” como Maria e tenhamos confiança pois, não estamos sozinhas.

“Minhas Irmãs, coloquemo-nos sob a sua proteção, consagramo-nos a Seu Filho e a Ela sem reserva, para que governe a Companhia em geral e a cada uma em particular” (São Vicente, conf. de 8 de dezembro de 1658, p. 854).

Para terminar, asseguro a nossa oração fraterna ao Padre Tomaž Mavrič, ao Padre Robert Maloney, ao Padre Gregory Gay, ao Padre Javier Alvarez, ao Padre Patrick Griffin, ao Padre Bernard Schoepfer.

Na comunhão dos santos com a Irmã Kathleen e a Irmã Juana, rezemos pela Irmã Evelyne que está sempre a escuta da vida da Companhia.

Boa festa da Apresentação do Senhor e boa preparação para a Renovação dos Votos.

Afetuosamente e com a certeza da minha oração,

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

ENCONTRO COM O PAPA FRANCISCO



Sábado, 21 de janeiro de 2023, tive a alegria, juntamente com o Padre Tomaž Mavrič, de ser recebida pelo Papa Francisco. Foi um encontro intenso, simples e muito fraterno. Falamos da situação do Congo, do compromisso das Irmãs com os refugiados e da presença das Filhas da Caridade nos países do Mediterrâneo. O Papa manifestou interesse pelo Jubileu da “Luz de Pentecostes”. Ele também agradeceu à Companhia pelo serviço prestado ao dispensário da Comunidade de Santa Marta e pediu intensamente por nossa oração. Eu lhe assegurei o apoio das Filhas da Caridade no mundo inteiro. Cada Irmã esteve bem presente durante este momento de encontro. (*Irmã Françoise PETIT*)

QUARESMA 2023

“Fazer das nossas famílias e das nossas Comunidades uma antecipação do Céu”.

Prezados membros do Movimento da Família Vicentina,

A graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam sempre conosco!

Desde a criação do mundo, Deus não queria que o homem vivesse em um ambiente hermético, onde não tivesse vínculo com outra pessoa, uma ilha em um oceano onde não houvesse possibilidade de movimento, onde a única pessoa que ele encontraria em todo o mundo seria ele mesmo e ninguém mais. Pelo contrário, desde a criação do mundo, Deus quis que os seres humanos vivessem em relação e contatos contínuos, que precisassem uns dos outros para seu crescimento pessoal, que tivessem outras pessoas como espelhos nas quais pudessem ver as áreas escuras e claras de seu ser de forma muito mais objetiva. No início, Deus criou o homem e a mulher a partir dos quais as famílias foram formadas. Este modelo universal de “estar juntos” tem sido reproduzido em todas as sociedades ao longo da história humana até os dias atuais.

As pessoas consagradas utilizam frequentemente a palavra “comunidade” para se referir às famílias que são reunidas para formar regiões, vice-províncias, províncias e congregações. As Congregações contemplativas têm a mesma forma de estar juntas, assim como os eremitas que, em sua maioria, vivem sozinhos, mas, fazem parte de uma Comunidade, de uma família. Da mesma forma, as associações leigas utilizam diferentes expressões para enfatizar o fato de que os membros estão juntos, expressões como grupos, equipes, etc., nas quais várias pessoas se reúnem por razões e propósitos

específicos. Deus molda nossas vidas desta maneira com um objetivo muito concreto que é a missão.

Por trás de tudo está o único desejo de Jesus de ver toda a humanidade no “Céu”, em um estado de “felicidade eterna”, em um estado de “realização infinita de nossos maiores sonhos e desejos”. Nossas famílias, comunidades, grupos, equipes, etc., são caminhos para este objetivo. Assim, somos encorajados a contribuir para a construção de excelentes famílias, comunidades, grupos e equipes para colaborar no desejo mais profundo de Jesus.

São Vicente de Paulo, o místico da Caridade, fez do “estar juntos” um elemento importante de seu carisma e de sua espiritualidade. A vida comunitária é de fato uma das formas essenciais de viver a espiritualidade e o carisma vicentino. Quanto mais colocarmos nossos corações e energias na construção de famílias, comunidades, grupos e equipes saudáveis, profundamente espirituais e contemplativas, mais realizaremos nossos sonhos e objetivos, mais cumprimos a missão que Jesus confiou a cada um de nós na terra.

Como seres humanos, sabemos que não somos perfeitos. Nós somos, particularmente, conscientes de que em uma relação quando nossos diferentes pensamentos, visões, prioridades e temperamentos se encontram, em vez de felicidade, produzem tristeza, decepção, dor, rejeição, como escreveu São Vicente a um de seus Irmãos:

“Se vos conheceis verdadeiramente, deveis julgar-vos indigno de viver e admirar-vos de que Deus vos tolere. A humildade que deve brotar deste conhecimento deve levar-vos a vos ocultar ao invés de querer aparecer. As graças que Deus vos concedeu são unicamente para vós e para vos tornar melhor no lugar e no estado em que ele vos colocou”¹.

Na minha carta da Quaresma de 2017, apresentei uma meditação sobre a Santíssima Trindade como um dos fundamentos da espiritualidade vicentina. Gostaria de retomar alguns pontos desta carta que pode nos ajudar a construir famílias, comunidades, grupos, equipes, profundamente espirituais e contemplativas.

¹ SV VI, Carta 2181 a um Irmão coadjutor, 10 de dezembro de 1656, p. 169-170.

Qual é a mensagem da Santíssima Trindade para mim, para a família, para o grupo, para a equipe a qual pertencço?

Jesus nos ajuda a compreender a Santíssima Trindade: a identidade, a missão e o desígnio do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Jesus nos ajuda a compreender a relação que existe entre as três Pessoas, o vínculo íntimo que as une, a influência da Trindade tanto sobre cada pessoa, individualmente, assim como cada família, comunidade, grupo, equipe.

À medida que, com a graça de Deus, descobrimos e desenvolvemos um vínculo indissolúvel entre a Trindade e cada pessoa, entre a Trindade e a família, a Comunidade, o grupo, a equipe, aproximamo-nos cada vez mais do modelo perfeito de “relações” que são os componentes fundamentais de nossas vidas, de tal forma que, no âmago do nosso ser, somos um com Deus, ou seja, um com a Trindade e, um entre nós.

Jesus nos transmitiu o que sabemos sobre o Pai, o Filho e o Espírito. Jesus nos apresentou a Trindade como o modelo perfeito de “relações”.

Nossa reflexão sobre a Trindade deve estar acompanhada pela vontade e o objetivo de encarnar este modelo perfeito de “relações” na situação da vida concreta na qual vivemos, na família, na Comunidade, no grupo, na equipe que pertencemos.

A Santíssima Trindade é o modelo perfeito de “relações”! Jesus nos mostra o ideal.

- A relação recíproca entre o Pai e o Filho.
- A relação recíproca entre o Pai e o Espírito.
- A relação recíproca entre o Filho e o Espírito.
- A relação Pai, Filho e Espírito.

O que podemos contemplar nestas “relações”?

1. Podemos ver que a atenção está sempre voltada para a outra pessoa e não sobre si mesma.
2. Podemos ver que a prioridade é sempre dada à outra pessoa e não a si mesma.

3. Podemos ver que o louvor, a gratidão, a admiração são sempre dados à outra pessoa e não a si mesma.
4. Podemos ver que cada uma das três Pessoas da Trindade expressa sempre a necessidade de colaborar com a outra para realizar a missão.
5. Podemos ver que cada uma das três Pessoas da Trindade sempre expressa claramente que agir sozinha seria insuficiente e ineficaz para cada uma delas.

O que o modelo das relações no íntimo da Trindade revela sobre a minha própria vida:

- a) na minha relação com Deus,
- b) na minha relação com a Comunidade?

São Vicente nos ensina como aplicar o modelo de relação da Trindade a nossa própria família, comunidade, grupo, equipe:

“Firmemo-nos nesse espírito, se quisermos ter em nós a imagem da adorável Trindade, se quisermos ter uma santa semelhança com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. O que é que opera a unidade e a pluralidade uniforme em Deus senão a igualdade e a distinção das três pessoas? E o que o seu amor engendra senão a sua semelhança? E se entre eles não reinasse o amor, que coisa existiria de amável, diz o bem-aventurado Bispo de Genebra. A uniformidade existe, portanto, na Santíssima Trindade: o que deseja o Pai, o Filho também o quer; o que faz o Espírito Santo, fazem-no o Pai e o Filho. Agem do mesmo modo. Têm um só e mesmo poder e uma só e mesma operação. Aí temos a origem da perfeição e nosso modelo. Tornemo-nos uniformes. Seremos muitos como se fôssemos somente um, e teremos a santa união na pluralidade. Se já as possuímos em parte e não o bastante, peçamos a Deus o que nos falta, e vejamos em que nos

diferenciamos uns dos outros a fim de procurar assemelhar-nos todos e nos igualar; pois a semelhança e a igualdade geram o amor, e o amor, tende à unidade. Esforcemo-nos todos por ter os mesmos afetos e a mesma acolhida às coisas que se fazem ou se permite que sejam feitas entre nós”².

“Enfim, vivei juntas, como tendo um só coração e uma só alma (At, 4,32), de modo que, por essa união de espírito, sejais uma verdadeira imagem da unidade de Deus, como vosso número representa as Três Pessoas da Santíssima Trindade.

Para isso, rogo ao Espírito Santo, que é a união do Pai e do Filho, seja igualmente vosso espírito; vos dê uma profunda paz, nas contradições e nas dificuldades que não podem deixar de ser frequentes junto aos pobres. Lembrai-vos também que ali está vossa cruz, com a qual Nosso Senhor vos chama para si e seu repouso. Todo o mundo aprecia o vosso trabalho e as pessoas de bem não descobrem na terra outro trabalho mais honroso nem mais santo, quando é feito com devoção”³.

Como complemento à contemplação da Trindade, a pintura do Irmão Mark Elder, CM, na entrada da Cúria Geral da Congregação da Missão de São Vicente de Paulo em Roma, pode nos ajudar a refletir sobre formas de fortalecer nossas famílias, comunidades, grupos e equipes para a missão. Como membros do Movimento da Família Vicentina, somos convidados a continuar a integrar cada vez mais a espiritualidade e o carisma vicentino em nossas vidas e nas vidas de nossas famílias, comunidades, grupos e equipes.

Na entrada da casa, a primeira coisa que alguém que vem de fora vê é a pintura que cobre as quatro paredes da entrada principal. Na parede frontal vemos a imagem de São Vicente de Paulo composta por inúmeras faces de pessoas diferentes que representam simbolicamente todo o

2 SV XII, Conferência 206, de 23 de maio de 1659, sobre a uniformidade, p. 261-262.

3 SV IV, carta de 30 de julho de 1651, à Irmã Ana Hardemont em Hennebont, C. 1389, p. 278-279.



Movimento da Família Vicentina e aqueles a quem somos chamados a servir. O Movimento da Família Vicentina, em cada momento da história, é um retrato contínuo de São Vicente.

A parede à esquerda representa as cinco virtudes que moldam nossa identidade vicentina: simplicidade, humildade, mansidão, mortificação e zelo pela salvação das almas. Embora cada Congregação ou Associação leiga pertencente à Família Vicentina possa colocar maior ênfase em algumas dessas virtudes evangélicas, ou outras, no entanto, todas elas moldam e enriquecem a nossa identidade vicentina.

A parede a direita representa os conselhos evangélicos ou, como também são chamados, os votos: castidade, pobreza, obediência. Cada pessoa é chamada a viver os conselhos evangélicos de acordo com sua própria identidade, como leiga ou consagrado. Nas diferentes congregações é possível encontrar um ou mais votos adicionais, como o voto de estabilidade mostrado nesta pintura.



A quarta parede é a parede principal de entrada, ou melhor, a parede de saída da casa. O que vemos nela? No topo da parede, acima da porta principal, vemos a imagem do Espírito Santo e a palavra “evangelizar”. Em ambos os lados da porta principal, vemos um campo de trigo onde o trigo é misturado com os mesmos rostos humanos que compõem o retrato de São Vicente na primeira parede que vemos ao entrar na casa.

Permitam-me fazer uma comparação. A riqueza dos ícones, as pinturas, os cantos litúrgicos, as velas, o cheiro do incenso e os rituais das Igrejas bizantinas nos fazem sentir como se estivéssemos no céu, vivendo a liturgia celestial quando estamos na Igreja, presente na Eucaristia. O mundo fora da Igreja é radicalmente diferente, mas ao entrar na Igreja e ao participarmos da Eucaristia, entramos no Céu. Pleno de todas as graças necessárias, depois deixamos a Igreja e retornamos ao mundo.

O mesmo poderia ser dito sobre a pintura que acabamos de descrever. Plenos do Espírito de Jesus, do Espírito Santo, da espiritualidade e do carisma vicentino, saímos, como o que a pintura nos convida a fazer: para os campos de trigo do mundo, para evangelizar.

Antes de sairmos para os campos de trigo do mundo, nossas famílias, comunidades, grupos e equipes precisam ser moldados no modelo da Santíssima Trindade, revestidos da espiritualidade e carisma vicentino para que nós, como famílias, comunidades, grupos e equipes, sejamos repletos do Espírito Santo e depois saíamos para o mundo a fim de levar a Boa Nova aos pobres!

“Conceda-lhe Deus a graça... de viver de maneira que o bom odor de vossas vidas e dos vossos trabalhos atraíam muitos outros a trabalhar no progresso de nossa santa religião!”⁴

Seu irmão em São Vicente,

Padre Tomaž MAVRIČ, CM
Superior Geral

4 Cf. SV V, Carta 1924 a Charles Ozenne à Krakow, 24 de setembro de 1655, p.473.

VEM, SOPRO DE DEUS!

Na carta de 1º de janeiro, a Irmã Françoise nos disse: “*Como será 2023? É difícil prever diante de tantas incertezas em todas as áreas. Entretanto, um evento significativo para a Companhia será a celebração do 400º aniversário da luz de Pentecostes em 4 de junho de 2023. Esta data abrirá um ano jubilar e eu terei a oportunidade de lhes falar sobre isso mais tarde*”.

Para melhor nos prepararmos para este acontecimento eu lhes proponho uma meditação sobre o Espírito Santo. Acolhamos primeiro a Palavra de Deus, no livro dos Atos dos Apóstolos:

Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como se fosse uma forte ventania, que encheu a casa onde eles se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os inspirava. Moravam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, juntou-se a multidão e todos ficaram confusos, pois cada um ouvia os discípulos falar em sua própria língua. Cheios de espanto e admiração, diziam: “Esses homens que estão falando não são todos galileus? Como é que nós os escutamos na nossa própria língua? Nós que somos partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da

Frigia e da Panfília, do Egito e da parte da Líbia próxima de Cirene, também romanos que aqui residem; judeus e prosélitos, cretenses e árabes, todos nós os escutam os anunciar as maravilhas de Deus na nossa própria língua!⁵.”

I. REFLEXÕES DE BENTO XVI SOBRE A FESTA DE PENTECOSTES

1. O novo povo de Deus, a Igreja, é um povo proveniente de todos os povos⁶

A leitura dos Atos dos Apóstolos narra como, no dia de Pentecostes, o Espírito Santo, sob os sinais de um vento poderoso e de fogo, irrompe na comunidade orante dos discípulos de Jesus e dá assim origem à Igreja. Para Israel, o Pentecostes, festa da sementeira, tornou-se a festa que recordava a conclusão da aliança no Sinai. Deus demonstrou a sua presença ao povo através do vento e do fogo e depois ofereceu-lhe a sua lei, a lei dos dez mandamentos. Só assim a obra de libertação, que começara com o êxodo do Egito, se tinha cumprido plenamente: a liberdade humana é sempre uma liberdade partilhada, um conjunto de liberdades.

Só numa ordenada harmonia das liberdades, que abre para cada um o seu âmbito, se pode ter uma liberdade comum. Por isso, o dom da lei no Sinai não foi uma restrição ou uma abolição da liberdade mas o fundamento da verdadeira liberdade. E dado que um justo ordenamento humano se pode reger apenas se provém de Deus e se une os homens na perspectiva de Deus, para uma disposição ordenada das liberdades humanas não podem faltar os mandamentos que o próprio Deus dá. Assim Israel tornou-se plenamente povo precisamente através da aliança com Deus no Sinai. O encontro com Deus no Sinai poderia ser considerado como o fundamento e a garantia da sua existência como povo.

O vento e o fogo, que atingiram a comunidade dos discípulos de Cristo reunida no cenáculo, constituíram um ulterior desenvolvimento do

5 Missa do dia da solenidade de Pentecostes, primeira leitura (At 2, 1-11).

6 Bento XVI, homilia da Solenidade de Pentecostes, 15 de maio de 2005.

Vem, sopra de Deus!

acontecimento do Sinai e conferiram-lhe uma nova amplitude. Naquele dia encontravam-se em Jerusalém, segundo quanto referem os Atos dos Apóstolos, **“Judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu”** (At 2, 5). E eis que se manifesta o dom característico do Espírito Santo: todos compreenderam as palavras dos apóstolos: **“Cada um os ouvia falar na sua própria língua”** (At 2, 6).

O Espírito Santo concede o dom da compreensão. Ultrapassa a ruptura que teve início em Babel a confusão dos corações, que nos faz ser uns contra os outros o Espírito abre as fronteiras. O povo de Deus que tinha encontrado no Sinai a sua primeira configuração, é agora ampliado até ao ponto de já não conhecer fronteira alguma.

O novo povo de Deus, a Igreja, é um povo que provém de todos os povos. A Igreja desde o início é católica, esta é a sua essência mais profunda. São Paulo explica e realça isto na segunda leitura, quando diz: **“De fato, num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito”** (1 Cor 12, 13).

A Igreja deve tornar-se sempre de novo aquilo que ela já é: deve abrir as fronteiras entre os povos e romper as barreiras entre as classes e as raças. Nela não podem haver esquecidos nem desprezados. Na Igreja existem unicamente irmãos e irmãs livres em Jesus Cristo. Vento e fogo do Espírito Santo devem infatigavelmente abater aquelas barreiras que nós homens continuamos a erguer entre nós; devemos sempre de novo passar de Babel, do fechamento em nós mesmos, para Pentecostes. Por isso, devemos continuamente pedir que o Espírito Santo nos abra, nos conceda a graça da compreensão, de modo que possamos nos tornar o povo de Deus proveniente de todos os povos.

2. Lá, onde reinava a divisão e a indiferença, nasce a unidade e a compreensão⁷

O Pentecostes é a festa da união, da compreensão e da comunhão humana. Todos podemos constatar como no nosso mundo, mesmo se estamos cada vez mais próximos uns dos outros com o progresso dos meios de

⁷ Bento XVI, homilia da solenidade de Pentecostes, 27 de maio de 2012.

comunicação, e as distâncias geográficas parecem desaparecer, a compreensão e a comunhão entre as pessoas muitas vezes são superficiais e difíceis.

Permanecem desequilíbrios que com frequência levam a conflitos; o diálogo entre as gerações torna-se difícil e por vezes prevalece a contraposição; assistimos a fatos quotidianos nos quais nos parece que os homens estão a tornar-se mais agressivos e mais conflituosos; compreender-se parece demasiado comprometedor e prefere-se permanecer no próprio eu, nos próprios interesses. Nesta situação, podemos deveras encontrar e viver aquela unidade da qual temos necessidade?

A narração do Pentecostes contém um panorama dos últimos grandes afrescos que encontramos no início do Antigo Testamento: a antiga história da construção da Torre de Babel (cf. Gn 11, 1-9). Mas o que é Babel? É a descrição de um reino no qual os homens concentraram tanto poder que pensaram que já não precisavam de fazer referência a um Deus distante e deste modo eram tão fortes que podiam construir sozinhos um caminho que leva ao céu para abrir as suas portas e pôr-se no lugar de Deus.

Mas, precisamente nesta situação verifica-se algo anómalo e singular. Enquanto os homens estavam a trabalhar juntos, construindo a torre, repentinamente deram-se conta de que estavam a construir um contra o outro. Enquanto tentavam ser como Deus, corriam o perigo de nem sequer ser mais homens, porque tinham perdido um elemento fundamental do ser pessoas humanas: a capacidade de se aproximarem, de se compreenderem e de trabalhar juntos.

Esta narração bíblica contém uma verdade perene; podemos vê-la ao longo da história, mas também no nosso mundo. Com o progresso da ciência e da técnica alcançamos o poder de dominar forças da natureza, de manipular os elementos, de fabricar seres vivos, chegando quase até ao próprio ser humano. Nesta situação, rezar a Deus parece algo superado, inútil, porque nós próprios podemos construir e realizar tudo o que queremos. Mas não nos apercebemos de que estamos a viver a mesma experiência de Babel.

É verdade, multiplicamos as possibilidades de comunicar, de obter informações, de transmitir notícias, mas podemos dizer que aumentou a capacidade de nos compreendermos ou talvez, paradoxalmente, entendemo-nos cada vez menos? Entre os homens não parece porventura que se insinua

Vem, sopro de Deus!

um sentido de desconfiança, de suspeita, de receio recíproco, até nos tornarmos inclusive perigosos uns para os outros? Voltemos então à pergunta inicial: pode haver deveras unidade, concórdia? E como?

Encontramos a resposta na Sagrada Escritura: só pode haver unidade com o dom do Espírito de Deus, o qual nos dará um coração novo e uma língua nova, uma capacidade nova de comunicar. E foi isto que se verificou no Pentecostes. Naquela manhã, cinquenta dias depois da Páscoa, um vento impetuoso soprou sobre Jerusalém e a chama do Espírito Santo desceu sobre os discípulos reunidos, pousou sobre cada um e acendeu neles o fogo divino, um fogo de amor, capaz de transformar. O receio desapareceu, o coração sentiu uma nova força, as línguas soltaram-se e começaram a falar com franqueza, de modo que todos pudessem compreender o anúncio de Jesus Cristo morto e ressuscitado. No Pentecostes, onde havia divisão e indiferença, surgiram unidade e compreensão.

No Evangelho de João, Jesus afirma: ***“Quando vier o Espírito da Verdade, Ele guiar-vos-á para a verdade total”*** (Jo 16, 13). Jesus, falando do Espírito Santo, explica-nos o que é a Igreja e como ela deve viver para ser ela mesma, para ser o lugar da unidade e da comunhão na Verdade: diz-nos que agir como cristãos significa não nos fecharmos no próprio “eu”, mas orientarmo-nos para o todo: significa acolher em nós mesmos a Igreja inteira ou, ainda melhor, deixar que ela nos acolha interiormente.

Então, quando eu falo, penso, ajo como cristão, não o faço fechando-me no meu eu, mas faço-o sempre no todo e a partir do todo: assim o Espírito Santo, Espírito de unidade e de verdade, pode continuar a ressoar nos nossos corações e nas mentes dos homens e estimulá-los a encontrar-se e a aceitar-se uns aos outros. O Espírito, precisamente pelo fato de que age desta forma, introduz-nos em toda a verdade, que é Jesus, guia-nos no seu aprofundamento e compreensão: não crescemos no conhecimento fechando-nos no nosso eu, mas unicamente tornando-nos capazes de ouvir e partilhar, só no “nós” da Igreja, com uma atitude de profunda humildade interior.

E desta forma torna-se mais claro por que motivo Babel é Babel e o Pentecostes é o Pentecostes. Onde os homens pretendem tornar-se Deus, podem unicamente pôr-se uns contra os outros. Ao contrário, onde estão na verdade do Senhor, abrem-se à ação do seu Espírito que os ampara e une.

Queridos amigos, devemos viver segundo o Espírito de unidade e de verdade, e por isto temos que rezar a fim de que o Espírito nos ilumine e guie para vencermos o fascínio de seguir verdades nossas, e acolhermos a verdade de Cristo transmitida na Igreja. A narração do Pentecostes em Lucas diz-nos que Jesus antes de subir ao céu pediu aos Apóstolos que permanecessem juntos para se prepararem para receber o dom do Espírito Santo. E assim reuniram-se em oração com Maria no Cenáculo na expectativa do acontecimento prometido (cf. At 1, 14). Recolhida com Maria, como no seu nascer, a Igreja reza também hoje: *“Veni Sancte Spiritus! - Vem, Espírito Santo, enche os corações dos teus filhos e acende neles o fogo do teu amor!”*

II. SÃO VICENTE E O HÓSPEDE INTERIOR⁸

Conhecemos bem a devoção de Santa Luísa de Marillac à festa de Pentecostes por causa dos acontecimentos em sua vida que estão ligados a ela. Mas em São Vicente?

Na nossa época, temos visto no Ocidente o desenvolvimento de uma consciência renovada do lugar do Espírito Santo na vida da Igreja. A Escola Francesa de Espiritualidade estava em grande parte focalizada no mistério da Encarnação, enquanto permanecia ligada à celebração da festa de Pentecostes. São Vicente também fez disso o fundamento de sua espiritualidade. Assim, se olharmos para as Regras Comuns da Congregação da Missão, no capítulo sobre as práticas espirituais a serem observadas na Congregação, é essencialmente uma questão dos mistérios da Trindade e da Encarnação.

Hoje, estamos bastante inclinados a expressar em primeiro lugar e obra do Espírito Santo em cada pessoa e em todo o mundo. Na realidade, é o mistério da Encarnação que se torna contemporâneo para nós através desta obra do Espírito. Todo o comportamento de Jesus reflete a ação do Espírito quando Ele se aproxima de alguém. Ao nos falar da “presença do Espírito nas almas”, os Fundadores nos ensinam que um corpo habitado pelo Espírito é gradualmente transformado por ele passando de sua possessão a doação, assim como a doação da pessoa de Vicente aos pobres.

8 Fiche vincentienne n° 106 - Erminio Antonello cm. [Ficha vicentina].

1. Da inspiração à ação

Através de sua meditação sobre a ação do Espírito Santo nos acontecimentos e na sua própria vida, Vicente nos mostra que se essa ação nos leva à presença de Deus, ela nos conduz inseparavelmente à presença dos outros e, antes de tudo, aos pobres e à Comunidade a qual vivemos. No entanto, ir em direção aos outros, seja na Comunidade ou em relação aos pobres, requer qualidades que são dons do Espírito Santo. Isto é o que São Vicente chama de frutos do Espírito em nós, frutos que precisamos desenvolver em nossa vida de serviço aos outros. Portanto, como São Vicente dizia às Filhas da Caridade, Deixemos que o Espírito de Deus realize a sua obra em nós!

A liturgia da Igreja sugere muitas expressões e símbolos que indicam o Espírito como habitante de nossa alma: *“Mestre Interior”, “Doce hospede”, “Seiva de Amor”, “Luz interior”,* que faz parte de alguns de nossos hinos de Pentecostes. O Espírito gosta de habitar em nossos corações. Tender a vida interior; deixar o Espírito influenciar a nossa ação e torná-lo conhecido aos outros, este foi o caminho secreto e fecundo de São Vicente, que sempre podemos seguir para a glória de Deus e o bem de todos.

2. Tender a vida interior

Se não tivermos uma vida interior, faltamos a tudo e, portanto, tudo nos falta. São Vicente sugeriu que entremos no nosso interior como em nossa casa preferida. Ele nos ensinou que o encontro da manhã com Senhor abre nosso dia e dá sentido ao que fazemos. Para ele, este método de oração era constante. É nosso ar, nosso alimento, o pão de cada dia, o orvalho, uma espécie de reservatório, uma fonte, o sol de nossas vidas.

Quando ele falava sobre a vida interior, ele multiplicava as imagens, longe de nossas visões virtuais, mas ricas das realidades da criação que seu olhar camponês sabia como olhar em profundidade. No coração desta contemplação diária, ele recebia o Espírito Santo como um doce hóspede. Porque Ele está aí sussurrando ao nosso coração: *“Revestir-se do Espírito de Jesus Cristo...Eu sou o Espírito de Jesus Cristo”* (cf. SV XII, p. 109).

Nada se faz que não seja recebido de Deus: “quem tem o Espírito e o Filho tem o Pai”. A fonte é trinitária e é nesta fonte que bebemos a cada

amanhecer, graças à Palavra. A Palavra inspirada pelo Espírito constrói o espírito do homem interior. Poder-se-ia dizer que aquele que Vicente chama de “obra evangélica” (Coste VIII, 285), trabalha principalmente para si mesmo, por sua própria conta e para seu próprio desenvolvimento interior. A conexão com o Espírito Santo é o meio mais seguro para chegar ao seu objetivo.

3. Deixar o Espírito Santo influenciar nossa ação

“*Viver de acordo com este Espírito e agir segundo suas inspirações*” significa “*trabalhar por sua própria perfeição*”, segundo o que diz a Regra escrita por São Vicente e, sobretudo, é agir de acordo com seus próprios efeitos e comunicar seus dons. Mais prosaicamente, ele repete um princípio enraizado em sua experiência como pastor: “*um carneiro produz outro carneiro, etc., e um homem, um outro homem*” para concluir com pertinência ele continua, “*vemos que os mestres inculcam as suas máximas e modos de agir no espírito dos discípulos*” (SV XI, p. 352, Carta 153, a Antônio Durand, 1656).

Cada árvore dá frutos de acordo com sua densidade vital, seu verde devido à idade. Os frutos do velho carvalho de Ranquines, com quase mil anos, são menos vigorosos do que eram há 100 anos. Uma alegoria apropriada ou uma advertência salutar?

Através de seu exemplo e de seus ensinamentos, Padre Vicente nos estimula e nos convida a sermos verdadeiros servos. Apoiados e fortalecidos pelo Espírito, nos revestimos dele para servir e nos colocamos à disposição dos outros, especialmente dos mais necessitados de nosso meio ou daqueles pelos quais somos responsáveis porque “*nós mesmos devemos tender apenas para a submissão*” (SV VII, p. 173, a Benjamim Huguier) e, o Espírito está lá para nos impulsionar neste sentido.

Conhecemos bem esta famosa passagem: “*Quando se afirma que opera o Espírito Santo em alguém, com isso se dá a entender que esse Espírito, habitando nessa pessoa, lhe dá as mesmas inclinações e disposições que possuía Jesus Cristo aqui na terra, e estas levam a pessoa a agir do mesmo modo que Nosso Senhor, não digo com uma perfeição igual, mas conforme a medida dos dons infundidos por esse Espírito Divino.*” (SV XII, p. 110, Conferência de 13 de dezembro de 1658). Servimos de muitas maneiras, mas o Espírito nos precede e trabalha conosco. Ele é o motor de nossa vitalidade missionária e caritativa.

4. Conhecer a presença e a ação do Espírito no outro

O bom coração, no calor do dia, gosta de partilhar a água e também a água viva que é o Espírito Santo. É agradável para nós darmos a conhecer sua presença e sua proximidade insaciável. *“Ó que felicidade para nós missionários, ajuntava São Vicente depois desta narração, verificarmos a conduta do Espírito Santo sobre sua Igreja, trabalhando, como fazemos, na instrução e santificação dos pobres”* (SV XI, p. 38, Carta 21), ele entusiasmou-se após uma conversão gradual à religião católica.

Quando um missionário era enviado para longe, ele gostava de falar sobre *“este espírito de abandono”*, que é a obra de Deus através de seu Espírito: *“Ó Salvador! É vosso Espírito que faz isto, fostes vós que deste este espírito à Missão. Não sei se encontrei alguém, não, desde há trinta anos encontrei apenas um que recusou ir para aqui ou para lá. Ah! Bendito seja Deus!”* (SV XI, p. 233, 6 de agosto de 1655).

Quando um Padre era colocado num seminário maior, ele dizia: *“Ó vós que trabalhais diretamente nesta obra, vós que deveis possuir o espírito dosacerdócio e inspirá-lo aos que não o têm, vós a quem Deus confiou essas almas para dispô-las a receber esse santo e santificador Espírito, não viseis senão a gloria de Deus, tende para com ele a simplicidade de coração, e, para com esses senhores o respeito”* (SV XI, p. 319, setembro de 1655).

Ele relatou em uma esplêndida página de uma carta enviada a um missionário no campo pronto para partir: *“é para a sua maior glória, Senhor Padre, e para vossa própria santificação que a ele dedica vossa vida e vossas atividades, tanto quanto as minhas. É seu Espírito Santo que invoco ternamente sobre vós, para que, estando animado por ele, possais espalhar suas luzes e frutos sobre as pessoas privadas do socorro de que lhes são devedores os sacerdotes, e sem o qual o sangue precioso de Jesus Cristo seria inútil para elas. Alimentai pois, Senhor Padre, o mais possível a caridade que vos dá por elas; abrasai-vos de zelo por sua salvação e amai ternamente a disposição em que estais de ir buscar nas Índias a ovelha tresmalhada. É uma grande graça de Deus, pela qual lhe agradeço...”* (SV IV, p. 137, a Cláudio Dufour).

Finalmente, para as primeiras Irmãs que formavam pequenas Comunidades, ele escreveu com o mesmo entusiasmo: *“Enquanto mantiverdes entre vós a união, a compreensão e a fidelidade aos vossos exercícios, gozareis de uma grande paz, sentireis consolação umas com as outras, sereis motivo de edificação dentro e fora da casa, e o Espírito Santo, permanecendo em vossos corações vos cumulará de bens no tempo e na eternidade”* (SV V, p. 682-683, à Irmã Francisca Ménage, 17 de maio de 656). A cada uma e cada um rezar constantemente ao Espírito Santo.

São Vicente e Santa Luísa viveram e transmitiram sua devoção ao Espírito Santo, com base na corrente espiritual à qual pertenciam, porque a Escola de Espiritualidade Francesa falava do Espírito Santo. Se nos questionamos sobre suas características fundamentais, concordamos prontamente com esta afirmação de uma apresentação de Claire Lesecrétain (cf. La Croix de 10 de janeiro de 2009): “A contribuição desta doutrina espiritual, dirigida a todos os cristãos, é geralmente resumida em quatro grandes intuições:

- Antes de tudo, o sentido da grandeza, da santidade e do absoluto de Deus.
- Outra intuição: a devoção à contemplação do Verbo Encarnado.
- A devoção ao Espírito Santo, com um especial apego à festa de Pentecostes.
- Finalmente, a ênfase sobre uma visão mística da Igreja como Corpo de Cristo difundido e comunicado”.

III. HOJE, UM TESTEMUNHO: “O ESPÍRITO AGE E ME FAZ AGIR!”⁹

Eis um testemunho de um Diácono permanente vicentino:

“Quando criança, descubro o rosto do Padre Vicente. Peço ao meu Padre que me diga quem ele é. O padre me diz que ele é um amigo de Deus

9 Fiche vincentienne n° 106 – Jean-Claude Peteytas, diacre permanent vincentien. [Fcha Vicentina, Jean-Claude Peteytas, Diácono permanente]

Vem, sopra de Deus!

que se pôs a serviço de Cristo nos pobres. Assim, São Vicente é o primeiro caminho que me abriu à fé em Deus, através de Cristo. Devo admitir que durante anos eu não fiz nenhuma referência ao Espírito Santo. Pouco a pouco, e especialmente a partir do chamado ao diaconato através do meu Bispo e desde minha ordenação, tomei consciência de que o Espírito Santo me precedeu em minha vida, em minhas ações e em meus encontros. Agora, todas as manhãs, recorro à Santíssima Trindade e ofereço meu dia ao Espírito Santo pedindo-Lhe paz, sabedoria e força... e que todos aqueles que se aproximam de mim possam sentir Sua presença...”

E como Vicente de Paulo, sabendo que a oração é a alma da ação, nos transmitiu: *“Deveis, ainda, recorrer à oração, para pedir a Nosso Senhor pelas necessidades daqueles, cuja direção vos pertence. Crede, firmemente, que produzireis mais frutos por este meio do que por qualquer outro”* (SV XI, p. 354). *É por isso, que antes de cada visita que preciso fazer, antes da celebração de um batismo, de um casamento ou de um funeral, invoco o Espírito Santo e me coloco nas suas “mãos” para que, através de minha simples pessoa, Ele possa alcançar aqueles que eu encontro.*

Um dia depois de celebrar o funeral de uma mãe idosa, recebi uma carta de seu filho: “Senhor, eu tinha deixado a Igreja. As palavras que o senhor disse no funeral de minha mãe me trouxeram de volta à Igreja e à missa”. Assim, parece-me que invocando o Espírito Santo, que é o “o motor da minha vida”, o Espírito Santo age através das minhas ações e através da vida das pessoas que encontro. Sim, como diz São Paulo: sem o Espírito Santo, ninguém pode dizer que Deus é Pai”. (Jean-Claude Peteytas).

Para aprofundamento pessoal e comunitário

“O Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir” (Rm 8,26). Vamos partilhar algumas palavras da nossa oração ao Espírito Santo ou sobre nossas dificuldades em rezar com Ele.

“Depender do Espírito Santo, é deixá-lo criar em nós a semelhança com o Cristo manso e humilde de coração” (C. 18): Como isto se traduz para

nós, quando relemos este acontecimento, esta experiência, este encontro, esta decisão?

“Deixemos que o Espírito de Deus realize a sua obra em nós”! (Coste XIII, 590). Com exemplos concretos de nossa vida pessoal e/ou comunitária, como construímos esta dependência e não-resistência ao Espírito Santo?

Vinde Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis. Acendei neles o fogo do vosso amor.

Enviai vosso Espírito e tudo será criado. E renovareis a face da terra.

Oremos: Deus, que iluminastes os corações de vossos fiéis com as luzes do Espírito Santo dai-nos, pelo mesmo Espírito, apreciar tudo o que é reto e nos alegrarmos com suas consolações. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém.¹⁰

Padre Bernard SCHOEPFER, CM
Diretor geral

10 Orações das Filhas da Caridade, Edição, 1998, p. 53.

SINODALIDADE

PERCORRER JUNTAS O CAMINHO DA HUMILDADE

Texto escrito a partir de anotações feitas pela Irmã Catherine Everhard (Província Bélgica-França-Suíça) durante uma palestra da Sra. Isabelle Morel na ocasião de encontros de formação da Província Bélgica-França-Suíça.

INTRODUÇÃO

Em 2015, o Papa Francisco disse: “*O caminho da sinodalidade é aquele que Deus espera da Igreja do terceiro milênio*”. A sinodalidade é o fruto da pesquisa teológica atual, mas o que é isso? Antes de falar sobre isso, é importante entender o desejo do Papa Francisco. Para compreender a relevância e a importância da sinodalidade, precisamos estar conscientes das mudanças radicais em nosso mundo hoje e deixar claro de antemão que a sinodalidade não é um procedimento democrático onde cada um pode fazer suas reivindicações, mas uma abertura por parte de todos ao que o Espírito de Cristo está dizendo à sua Igreja hoje. A sinodalidade não é um caminho marcado antecipadamente; ela exige que estejamos abertas as surpresas de Deus que, através da

escuta dos outros, vem nos tocar, nos impulsionar, nos mover interiormente. É um caminho de conversão pessoal e comunitária.

Se buscarmos os primeiros registros escritos de confissão da fé cristã ao mundo, descobrimos que Santo Agostinho já fez a mesma observação em seu tempo: *“Não podemos convencer nossos contemporâneos”*. Na verdade, o ato de evangelização pressupõe dois elementos que entram em uma interação perpétua: no que acreditar, o conteúdo da mensagem cristã e no que eu acredito, minha fé, minha conversão pessoal. Não adianta memorizar as palavras de fé, elas devem ser traduzidas em comportamento, em adesão interior. Existe, portanto, a necessidade de uma articulação permanente entre os dois elementos, o que o Diretório para a Catequese, publicado pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização em junho de 2020, tentou considerar: *“Uma renovada consciência da identidade missionária requer hoje uma maior capacidade de partilhar, comunicar, encontrar-se, de modo a caminhar juntos pelo caminho de Cristo e na docilidade ao Espírito”* (nº 289).

Já em 2003, em seu livro *“O Futuro da Catequese”*, o diretor do Instituto Superior de Pastoral Catequética nos convidou a repensar a ação catequética à luz das profundas mudanças que marcam o indivíduo moderno; ele abriu novos caminhos ao visualizar os diferentes campos que interagem no ato de evangelizar: antropologia (o desafio da interioridade), eclesiologia (o desafio kerigmático), pedagogia (o desafio educativo da catequese), sociologia (o desafio comunitário) e teologia (a diversidade catequética).

Vamos tentar esclarecer o que é um espírito sinodal. A sinodalidade é um trabalho, uma implementação, um caminho, processos concretos que devem ser desenvolvidos pouco a pouco para trabalhar a consciência, mas também uma experiência espiritual e eclesial de comunhão a serviço dos outros. O processo sinodal implementado diz algo sobre o Deus em que acreditamos, um Deus que se revela entrando em diálogo com as pessoas, como seus amigos (Dei verbum nº 2). A imagem de Deus transmitida pelos crentes mudou, de uma teologia “teocêntrica”, paternalista, para uma teologia “cristocêntrica” na qual Jesus é meu irmão, e hoje estamos buscando um equilíbrio com uma teologia mais “pneumocêntrica” (centrada no Espírito Santo).

Nos últimos 40 anos, o mundo tem evoluído muito rápido e é difícil tomar a distância necessária diante dos acontecimentos. Os campos antropológicos (ciência do homem) e sociológico (ciência da sociedade) estão evoluindo com

a globalização e a Internet, a tecnologia está modelando a sociedade em que vivemos, o lugar do ser humano está destinado a evoluir.

A transmissão não tem sido a mesma desde a época de Cristo. Durante muito tempo foi oral, depois passou da linguagem à escrita, depois da escrita à impressão (a invenção da impressora data do século XVI e XVII). Hoje, é o surgimento de novas tecnologias de informática, como as Tecnologias de Informação e Comunicação para a Educação (TICs), que incentivam, por exemplo, uma abordagem investigativa para a educação geral; é também a comunicação excessiva de nossas sociedades, que aumenta dez vezes o número de pessoas que falam nos espaços de comunicação digital. Isto nos leva a mudar nossas práticas.

A maneira de viver em sociedade está mudando, há movimentos a serem feitos porque estas grandes transformações fazem uma espécie de mudança de civilizações, culturas, relações humanas, etc., e, isso tem incidências sobre a maneira de pensar da Igreja. Portanto, é necessário que a Igreja reavalie seus métodos de evangelização, que reveja seu modo de vida para melhor proclamar o Evangelho no mundo de hoje.

Vamos fazer este encontro sobre a sinodalidade em sete etapas:

- fazer um balanço das mudanças na sociedade;
- considerar o perigo do antropocentrismo;
- o que está em jogo na sinodalidade?;
- quatro critérios para viver a sinodalidade;
- a dinâmica da sinodalidade;
- obstáculos à sinodalidade;
- alavancas para viver a sinodalidade.

I – FAZER UM BALANÇO DAS MUDANÇAS NA SOCIEDADE

1 - Nossa relação com o conhecimento

Hoje, mais do que no passado, é importante ter arquivistas porque a maneira como a memória funciona é diferente. Para entender a mudança, é

preciso ler o livro de Michel Serres: “Petite Poucette” (Pequeno Polegar). O título refere-se a um novo ser humano que nasceu da ascensão de novas tecnologias, ou seja, o uso de nossos polegares em smartphones. O autor usa a imagem da tortura de Saint Denis, cuja cabeça foi cortada na basílica, para dizer: *“Somos todos ‘Saint Denis’: temos a cabeça nas mãos, não fazemos mais o esforço de lembrar porque o computador à nossa frente tem uma memória colossal, tem milhões de imagens e, com software refinado, tem possibilidades operacionais para resolver problemas, portanto, memória, imaginação, razão. Agora, quando éramos jovens, era-nos dito nas aulas de filosofia que o conhecimento humano estava dividido em três faculdades: memória, imaginação e razão, que tínhamos em nossas cabeças, e agora, estas três faculdades estão na frente e, portanto, existe uma espécie de externalização de nossas faculdades”*.

“O fato de haver um novo acesso à informação, muda necessariamente a maneira de ensinar. O professor tem que lhe ensinar a verificar as fontes para ter certeza do conteúdo que você descobriu por si mesmo e ele ou ela tem que ensinar-lhe como fazer o vínculo entre eles para torná-los coerentes. Nós temos um conhecimento maior, porém mais desestruturado. Somos transmissores de conhecimento quando tentamos fazer links com o máximo de dados possível. Todos querem apresentar sua própria versão das coisas. No regime digital, o conhecimento compartilhado é armazenado de forma desmaterializada, é conhecimento desarticulado, fragmentado, de acordo com os desejos de cada um, não em um raciocínio linear. Isto produz um efeito de fragmentação: uma fragmentação da memória humana”.

Todas as pessoas são diferentes, o público é muito mais diversificado, há uma sede de conhecimento, por isso é importante estar presente naquele momento. O autor continua: *“A diferença entre a mídia antiga e a nova mídia é como a posição de “passageiro” e “motorista” em um carro: na frente da televisão, estamos em uma posição passiva; na frente do computador, você está em uma posição ativa e você tem a possibilidade de se tornar mais inteligente! Não há mais motoristas, apenas habilidades motoras, não há mais espectadores, o espaço do teatro está cheio de atores móveis; não há mais juizes no tribunal, apenas palestrantes ativos, não há mais padres no santuário, o templo está cheio de pregadores; não há mais mestres no anfiteatro, em todos os lugares professores... E teremos que dizê-lo, não há*

mais pessoas poderosas na arena política, agora ocupadas por tomadores de decisão” (Michel Serres, 2013).

2 - Nossa relação com a verdade

As fakes news não são mais novidades, mas o que é novo é a extrema velocidade com que é divulgada e, mesmo que seja contraditória, torna-se verdade porque é isso que nossos contemporâneos querem ouvir.

Em 2018, Danang Widayanto mostrou que *“notícias falsas foram retransmitidas muito mais rapidamente [...] pelo fato de trazerem novidades e exploram a emoção dos internautas”*. E mesmo se negarmos o que foi dito, essa verdade será “menos crua” porque será retransmitida menos do que as notícias falsas. O trabalho da verdade não é fácil, não nos agrada. Mas, se não nos colocarmos a serviço da verdade, não poderemos mais seguir aquele que é a Verdade, o Caminho e a Vida.

Régis Debray desenvolveu um conceito que designa um sistema de transmissão cultural associado a diferentes técnicas. Na história de nossas sociedades, ele distingue sistemas de transmissão cultural e períodos que estão ligados a essas diferentes invenções técnicas. Em cada período, estas invenções geram profundas revoltas nos usos, mentalidades, modos de pensar e formas de acreditar.

Régis Debray e Louise Merzeau distinguem atualmente 4 **esferas de mídia**, ou seja, 4 períodos na história cultural da sociedade, de acordo com o método utilizado:

*A primeira é a **Logosfera**: este período está ligado ao domínio da transmissão oral. É a “era dos ídolos”: “**É verdade e se acredita no que o chefe da tribo tem dito**”.*

*A segunda é a **Grafosfera**: este período começa com a invenção técnica da impressora. “**O que é lido é verdade**”. A invenção da impressão democratizou o conhecimento com os livros, com as enciclopédias, com as bibliotecas, com as universidades.*

*A terceira é a **Videosfera**: este é o período dominado pela comunicação audiovisual e os meios de comunicação de massa. É a era do visual onde a imagem de vídeo toma o lugar do ídolo*

e é caracterizada por uma transmissão, cada vez mais, rápida de dados, modelos e narrativas. “É verdade é o que se vê”. Hoje, há tantos canais de televisão que se pode ver tudo.

*A última é a **hiperesfera**: corresponde à nossa era dominada pelas redes digitais, a web. “O que está na Internet é verdade!” Todos poderão encontrar na Internet o que quiserem encontrar. Quando as pessoas gostam do que viram, elas são fortalecidas no que pensam.*

Cada uma dessas esferas da mídia enfatiza valores e números diferentes. Por exemplo, o santo, o herói e a estrela são respectivamente glorificados na logosfera, na grafosfera e na videosfera. Vemos que a relação com a verdade é manchada; mas, acreditamos Naquele que é “o Caminho, a Verdade e a Vida”. Portanto, é importante encontrar espaços para tomar distância para ver claramente e nos colocar diante de Cristo e das Escrituras a fim de realmente seguir Aquele que é a Verdade.

3 - Nossa relação com o tempo evolui

Estamos passando por uma mudança significativa em nossa relação com o tempo. Estamos em um momento de instantaneidade, de imediatismo através do “tudo, de imediato”. Podemos nos corresponder com X ou Y: o tempo de uma mensagem de texto, de uma comunicação oral e clicar, está feito. Podemos comprar um par de sapatos com um clique e, em uma fração de segundo, missão cumprida. Somos muito mais impacientes do que antes, não suportamos mais ficar esperando. Este tipo de obsessão com a velocidade acaba poluindo toda a existência, fazendo-nos esquecer a riqueza da experiência do tempo.

A Igreja parece estar desconectada de suas exigências pastorais. Se percebemos que o caminho catecumenal tem dificuldade de passar do início, é porque precisamos tomar tempo para reler nossas vidas e ver a importância do amadurecimento de nossa fé cristã. De fato, não é fácil para nós aceitar entrar em um processo sinodal porque precisamos tomar tempo para o amadurecimento necessário e depois ser capazes de tomar, todos juntos, decisões ajustadas sem ser regulados pelo imediatismo da vida cotidiana.

Aprender sobre a sinodalidade requer tempo para que cada pessoa amadureça ao longo do caminho, a fim de evitar ser submetido à decisão.

4 - Nossa relação com a autoridade

A relação com a autoridade mudou muito. A Internet mudou a maneira como vivemos comunitariamente, porque muda as relações. Com a web, entramos numa sociedade que funciona por rede; a internet é um tipo particular de espaço social onde todos falam. E depositamos mais confiança naqueles que estão em rede conosco porque, a rede, como nas redes, não há autoridade, não há centro, cada um é o seu próprio centro. Eu dou mais credibilidade ao que eu quero ouvir. Tudo é relativizado. A relação com a autoridade é baseada nos outros; o que faz a autoridade não é a instituição, mas a reputação. O “padre TikTok” (Padre Matthieu Jasseron da diocese de Sens-Auxerre) é conhecido por ter mais de um milhão de assinantes no TiK ToK, ele recebe muito mais likes¹¹ do que seu Bispo!

Estamos nesse mundo e não devemos abandoná-lo. Devemos estar conscientes de seus limites a fim de participar de nossa responsabilidade educacional neste mundo. A sinodalidade é uma das formas de nos situarmos nele, implantando uma forma de fazer as coisas livres de riscos.

Em seu livro “Democracia e Internet, Promessas e Limites”, Dominique Cardon descreve a revolução democrática que trouxe o surgimento da Internet. A Internet ampliou o espaço público, promove valores de abertura e valoriza a partilha de conhecimentos, a autonomia, a liberdade de expressão, o livre acesso, o consenso, a tolerância, mas também a inovação, a cooperação...

Mas logo surgiu o problema do looping: todos os mecanismos de busca têm algoritmos para realizar tarefas definidas. Por trás desses algoritmos, há uma grande aposta para empresas e organizações on-line. O objetivo para todos é ser visível nos mecanismos de busca. Portanto, o espaço publicitário é mais caro. Para nós, é supostamente gratuito, mas, de fato, nós pagamos com nosso tempo e atenção, os interesses econômicos e financeiros que têm nos colocado diante da Internet.

¹¹ Likes são indicações pelas quais alguém sinaliza que aprecia um conteúdo na internet.

Detalhes podem ser encontrados no doutorado em teologia de Renaud LABY “*Internet et communication évangélique*” (Internet e Comunicação Evangélica) que está disponível no site da ISPC: www.pastoralis.org. Precisamos decidir juntos e confiar a alguém o serviço da comunhão. Renaud Laby explica: “*Os sites católicos on-line, institucionais ou não, estão necessariamente reunindo os fiéis. Se eles praticam a evangelização, ela é essencialmente indireta: estes católicos estão lá para encontrar algo que alimente sua fé, para se sentirem vinculados à instituição, ou mesmo a grupos de afinidade, o que os encoraja, talvez, a testemunhar ad extra*”.

Em seu livro “*Internet, le nouveau presbytère*”, (Internet, o Novo Presbitério) Pierre Amar explica que a Internet transformou nossa sociedade e nossa vida cotidiana e que a Igreja não escapou desta revolução, que teve consequências até mesmo para o ministério Sacerdotal. Muitos Sacerdotes tomaram resolutamente este “*continente para evangelizar*”, segundo o Papa Bento XVI. Mesmo que estes “caminhos digitais” às vezes levem a becos perigosos e sem saída, ele ainda assim apela para o advento de novos missionários da Rede para um Pentecostes de um novo estilo: um Pentecostes digital e midiático da Igreja.

A sinodalidade é um processo metodológico que nos convida a não nos fecharmos em nós mesmos, é um trabalho de escuta que nos convida a tentar compreender quem é o outro, como funcionam suas conexões.

II - CONSIDERAR O PERIGO DO ANTROPOCENTRISMO

Na modernidade, há um grande excesso antropocêntrico: o homem está no centro, tudo se resume nele e tudo é para ele. A sociedade atual coloca o ser humano no centro de tudo e existe o risco de acreditar que ele é o centro do mundo. Na encíclica ‘Laudato Si’, o Papa Francisco escreve: “*O progresso tecnológico e científico levou a uma melhoria significativa em uma potência terrível, um domínio impressionante sobre toda a humanidade e o mundo*” (104-107).

Em 2018, o teólogo alemão Jürgen Moltmann disse: “*Desde o Renascimento, o mundo moderno tem sido marcado por uma determinação antropológica; o ser humano é o centro do mundo... Hoje estamos no fim da era moderna e no início do futuro ecológico de nosso mundo... precisamos agora de*

um novo conceito da natureza da terra e de uma nova imagem do ser humano e de seu destino e com ele uma nova experiência de Deus em nossa cultura”.

No século XV, as ideias do texto “*Sobre a Dignidade do Homem*”, escrito pelo filósofo italiano John Pico della Mirandola, serviram de introdução a um corpo humanista de trabalho que por sua vez influenciou o “*Iluminismo*” ao enfatizar o livre arbítrio e a liberdade como base da dignidade humana.

No século XVII, Francis Bacon, um filósofo inglês, também escreveu: “conhecimento é poder”.

Também no século XVII, René Descartes, filósofo francês, gostava da ideia de que: “através da ciência e da tecnologia, os seres humanos se tornam “mestres e possuidores da terra”, tornando a Palavra de Deus calculável, onde diz: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança...*” *Deus, criou o homem e a mulher. “Frutificai – disse ele – e multiplicai-vos, enchei a terra e tornai-vos mestre dela”* (cf. Gn 1, 26-28). Mas é isso! Tudo depende do que se entende pela palavra “mestre” e “submeter”. O que significa “mestre” de uma forma justa?

No livro do Gênesis, diz: “*O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para cultivar o solo e o guardar*” (Gn 2, 15). Não é para o homem trabalhar e cuidar da terra? E quando “*Deus abençoou o sétimo dia e o santificou*” (Gn 2,1-4), isto revela que o ator final da criação é o próprio Deus. O sábado significa que é o momento em que Deus descansou que é o cume da criação e não o homem. Será que fazemos Deus à nossa imagem, em vez de pensar que fomos criados à sua imagem? Pois se Deus colocou o homem no centro da criação, esta centralidade deve irradiar sua misericórdia e seu amor pelo mundo. O homem é mestre da criação, não para uso materialista, mas para a contemplação e para a ação de graças.

Qual é o lugar que o homem ocupa na natureza?

“O ser humano é inevitavelmente uma criatura ecológica, uma criatura na grande comunidade da criação de Deus”. Cada um de nós é uma criatura da comunidade dos seres vivos, mas sabemos que o ser humano é a última das criaturas, a mais dependente, a mais frágil”. De fato, a água e o ar, podem viver sem o homem, mas o homem não pode viver sem água, sem ar, sem plantas, sem animais, sem luz... O homem deve aceitar sua condição humana! E sua condição

é humilde: ele faz parte do todo para o qual deve contribuir na escala certa. Portanto, isto diz algo sobre nosso entendimento de serviço e responsabilidade.

Na revista *Lumen Vitae*, o teólogo Fabien Revol explica nossa responsabilidade catequética e nossa responsabilidade ecológica: “*Jesus atesta sua senhoria lavando os pés de seus discípulos*”. *Governar a criação é administrá-la de acordo com o próprio amor de Deus por suas criaturas*” (Jo 13-14). Dominar a terra significa, portanto, estar a serviço uns dos outros. “O excesso não é cristão”, acrescenta Dom Marc Stenger, Presidente da Pax Christi France.

Na ‘*Laudato Si*’, o Papa Francisco escreve: “*O antropocentrismo moderno acabou, paradoxalmente, por colocar a razão técnica acima da realidade*” (nº 115). Trata-se, portanto, de estar consciente dos limites da ferramenta de comunicação para não sermos escravos dela e tomar a distância necessária para ver melhor como funcionamos juntos. No nº 70, é dito que “*Tudo está inter-relacionado*”: “*O descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e custódia, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra. Quando todas estas relações são negligenciadas, quando a justiça deixa de habitar na terra, a Bíblia diz-nos que toda a vida está em perigo*”.

Ao convocar o Sínodo, o Papa Francisco não sabe aonde ele vai conduzir; este processo não é uma realidade fixa; pelo contrário, é uma graça que deve ser acolhida e cada um de nós é convidado a mover-se, a abrir-se ao que o Espírito de Cristo está dizendo à Igreja hoje, reapropriando-se de um modo de vida que é estreitamente comunitário. Trata-se de aprender uma vida de comunhão que, respeitando o lugar de cada um, coloca todos os batizados em interação recíproca, em diálogo para prestar atenção a si mesmo, aos outros, a Deus e à terra, ao mesmo tempo em que se conscientiza de ser um seguidor d’Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

III - O QUE ESTÁ EM JOGO NA SINODALIDADE?

“O caminho da sinodalidade é aquele que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Papa Francisco, 2015).

Como pode ser alcançado o consentimento universal?

Como chegar a uma adesão que pressupõe um discernimento e uma maturação em cada pessoa e que a faça mover porque discerne uma fonte de esperança e de paz? Trata-se de buscar o que é justo. Em um mundo dividido e fortemente marcado por desigualdades, devemos ser unidos e fraternos e assim mostrar que é possível viver juntos com o consentimento de cada um. Nesta sociedade que cristaliza diferenças, até mesmo oposições e extremos, o desafio de um testemunho forte se manifesta na nossa capacidade de mostrar que podemos conviver uns com os outros. Para isso, a primeira exigência é a escuta recíproca na qual todos têm algo a aprender.

A sinodalidade não é a escolha fácil, mas é um assunto de todos

Trata-se de aprender a caminhar juntos (“sun-odos”) aceitando se deixar enriquecer pelos outros. Este processo requer tempo, maturação, discernimento e muita energia para explicar o que está a caminho e, pressupõe que não aprendemos sozinhos. Podemos vivê-lo em comunidade quando aceitamos ser movidos por nossos “companheiros de viagem”.

O sucesso de um sínodo depende, em parte, da qualidade de sua organização colocada a serviço do respeito e da caminhada comum em um espírito de escuta e de transformação mútua. A sinodalidade da Igreja é vivida em diferentes níveis: local, regional, universal.

De outubro de 2021 a 2022, os Bispos convocaram oficialmente o sínodo diocesano, fixando, muitas vezes, orientação geral, escolhendo um título particular e convidando todos os fiéis a participar de uma consulta para discernir “o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7) no contexto atual. Tratava-se de caminhar juntos, ouvir os outros para discernir em comum, o que é bom e prioridade para o bem de todos. Portanto, era necessário ter a maior participação possível e a representação mais diversificada, o que significava convidar os fiéis a participar dos trabalhos das equipes sinodais, inclusive prestando especial atenção às pessoas que vivem na pobreza ou que sofrem com a divisão digital. O sínodo diocesano permitiu aos batizados que se expressassem naquilo que faz a diversidade de seus centros de interesses.

Até o final de 2022, o trabalho de coleta de dados de cerca de 150.000 pessoas de cada diocese foi integrado em uma coleção nacional. Até março de 2023, será coletado o trabalho das assembleias eclesiais continentais. Finalmente, todos os dados (incluindo a voz do povo de Deus na França) serão apresentados pelo Sínodo dos Bispos em Roma em outubro de 2023, fase final de todo este processo sinodal. Este Sínodo sobre a sinodalidade será um dos pontos principais para iluminar a vida futura da Igreja e para reavivar esta forma de vida comunitária que chama todos a participar do serviço do bem comum que é a difusão do Evangelho. As conclusões deste sínodo foram adiadas por um ano, provavelmente até 2024!

Os Atos dos Apóstolos atestam que o funcionamento eclesial das primeiras comunidades cristãs foi o da sinodalidade. O episódio do primeiro Concílio de Jerusalém (Atos 15) é uma ilustração de uma prática sinodal. Houve muitas partilhas e debates entre Pedro, Paulo, Barnabé, Tiago e a assembleia. No entanto, assim que começamos a dialogar uns com os outros, assim que escolhemos escutar o que o outro diz, isto pressupõe uma disposição de espírito e um verdadeiro esforço de abertura para compreender o que está sendo compartilhado; este exercício exige paciência para explicar e implica em fazer alguns movimentos. Neste primeiro Concílio de Jerusalém, o discernimento foi realizado à luz da Escritura. A frase “*o Espírito Santo e nós mesmos decidimos*” (cf. At 15,28) lança luz sobre a forma como o Espírito está no coração do discernimento realizado. A realidade sinodal ou conciliar - descrita em Atos - gradualmente encontra expressão institucional. Com o Concílio de Nicéia, em um contexto onde a Igreja não é mais perseguida, a realidade sinodal assume uma dimensão universal através de sua recepção por todas as igrejas.

Hoje estamos em uma fase de reaprendizagem sobre o modo de vida da Igreja na comunidade e sobre as questões que nos colocam a missão evangélica no mundo moderno. Precisamos crer que o Espírito de Deus está presente em todas as pessoas que têm um coração reto e podem se expressar perfeitamente através delas, e que o bom senso é expresso por todos. No final, se aprofundarmos nosso ser comunitário em um processo de conversão, isso se traduzirá em uma maior e mais fecunda ação e influência, o que pressupõe ter consciência do que precisa ser convertido e desenvolvido em nosso modo de viver o Evangelho pessoalmente e em comunidade.

IV - QUATRO CRITÉRIOS PARA VIVER A SINODALIDADE

Na revista Jesuíta “Etudes”, Monique Baujard, doutora em teologia, professora do Instituto Católico de Paris, nos lembra 4 critérios necessários para viver a sinodalidade:

1 - A sinodalidade parte do povo de Deus, daí a importância de consultar o povo de Deus

Desde o Concílio Vaticano II, o batismo tem sido enfatizado. Ele lembrou como todos os batizados são sujeitos ativos da evangelização, cada um de acordo com sua própria vocação. É necessário, portanto, que a representação seja suficientemente ampla. É por isso que o Sínodo dos Bispos é chamado a consultar todo o Povo de Deus com etapas diocesanas, nacionais, continentais e internacionais, à imagem do que se vive dentro das congregações religiosas: se uma Assembleia Geral ou um Capítulo, não representa as Comunidades locais, isso não legitima as decisões tomadas.

2 – Fazer com que os participantes dialoguem nas suas diversidades

Precisamos construir uma cultura de diálogo e cuidar de nossas relações. É no diálogo que crescemos e reconhecemos que o outro, em sua diferença, tem algo a me oferecer. É por isso que a sinodalidade só pode ser alcançada ouvindo a todos, sem exceção, respeitando sua igual dignidade. É importante, portanto, que as pessoas se sintam suficientemente seguras para poder se expressar livremente. É uma prioridade garantir a liberdade de expressão. Se eu penso que, ao dizer tal e tal coisa, isso voltará contra mim ou poderei ser criticado, eu me calo; isto equivale a amordaçar uns e não outros. Portanto, precisamos estabelecer regras que estejam a serviço da liberdade e da responsabilidade de expressão, uma palavra dita com fé e em busca do bem comum e da comunhão.

Um processo sinodal sem vozes discordantes será inútil. É somente quando faço o esforço de compreender é que começo a entrar no processo sinodal. Trata-se, portanto, de aceitar não se sentir ofendido por uma opinião diferente, sabendo que isso não é natural, porque muitas vezes quem não pensa como eu é visto como um adversário. Não se trata principalmente de convencer

a outra pessoa, mas de aceitar entrar em um processo com a possibilidade de ser transformado.

3 - Na forma como vivemos juntos, é preciso se colocar à escuta da diversidade das correntes teológicas sem ter medo do debate

A diversidade é um enriquecimento, não pelo prazer de sermos diferentes, mas para vermos como podemos caminhar juntos.

4 - Partir de realidades concretas

Um processo sinodal que nos convida a trabalhar apenas em textos teóricos não seria sinodal. A sinodalidade exige um olhar concreto sobre a realidade em que vivemos. Sem isso, existe o risco de não respeitar a verdade de nosso mundo. Somos chamados a estar atentos ao mundo em que vivemos, a olhar para ele com amor, porque é a vontade de Deus. E a dinâmica sinodal sublinha a importância do *sensus fidei*, ou seja, a capacidade de todos os cristãos viver e expressar espontaneamente a fé cristã sob a ação do Espírito Santo.

V - A DINÂMICA DA SINODALIDADE

1 - A importância da escuta

Trata-se de ouvir todas as diferentes opiniões num ambiente seguro, mas sobretudo, de escutar o povo de Deus em seu “sentido de fé” inspirado pelo Espírito Santo, a fim de fomentar a unidade e a comunhão eclesial. A escuta implica conversão, uma descentralização de si mesmo.

2 – O debate, a deliberação

O debate ocorre em vista de um discernimento e de uma decisão. É uma questão de compreender as diferentes posições, sem permanecer no emocional. A deliberação requer tempo e paciência para que a harmonia amadureça, a fim de conciliar as diferenças num plano superior, onde o melhor de cada um possa ser retido e permitir uma nova visão, assim como a elaboração de uma solução que responda o melhor possível ao bem comum.

3 - A recepção

É o momento em que tomamos nota das decisões tomadas e as tornamos nossas. Receber é aceitar determinações e escolhas que não fizemos e reconhecê-las como boas para nossas vidas e fazê-las como nossas. Quando um sínodo termina, ele continua de uma nova maneira: trata-se em primeiro lugar, compreender as ações do sínodo e as razões dessas decisões, e depois aprofundá-las para ver como podem ser colocadas em prática.

VI - OBSTÁCULOS À SINODALIDADE

O caminho sinodal, que deve ser acolhido como uma graça, não é isento de riscos.

1 - O maior risco é confundir este processo com a democracia representativa que se confronta com o autocentrismo.

Na Igreja, tudo vem do “Alto”, ou seja, de sua cabeça, que é Cristo. O caminho sinodal não deve ser concebido como um movimento “de baixo para o alto”; a “base” fazendo suas reivindicações ao “topo”, mas como a abertura de todos ao que o Espírito de Cristo está dizendo à Igreja hoje através da reapropriação de um modo de vida intimamente comunitário. A autêntica sinodalidade é fundada em Cristo e animada por uma escuta do Espírito presente no Povo.

2 - O segundo risco é acreditar que é suficiente deixar as pessoas se expressarem e que a liberdade de expressão é suficiente.

A sinodalidade está em vista da missão, é um caminho feito em conjunto que supõe um movimento. A sinodalidade implica que cada um de nós vai além de nós mesmos para trabalharmos juntos para amadurecer e decidirmos nos comprometer a avançar juntos no caminho do Evangelho.

3 - O terceiro risco é o medo da mudança

A dinâmica sinodal é, fundamentalmente, uma dinâmica de conversão. É, antes de tudo, uma questão de ousadia para nos deixar transformar, sem querer defender nossos interesses pessoais, acreditando que o Deus que nos

chamou para este processo sinodal quer nosso bem. A dimensão da oração é importante, pois é Cristo quem nos reúne.

4 - O quarto risco é o de querer continuar vivendo o batismo de maneira passiva.

A sinodalidade é uma confrontação para viver de maneira radical nosso batismo. Ela pressupõe pessoas ativas que queiram colocar-se a caminho e comprometer-se ativamente de maneira responsável.

VII - ALAVANCAS DA SINODALIDADE

1 - Desenvolver a sinodalidade em diferentes ocasiões, em diferentes idades, a fim de aprender com os outros e buscar juntos o bem comum.

2 - Fazer a experiência da escuta ativa e da compreensão mútua que transforma.

É preciso uma escuta real por parte do ouvinte para tentar compreender o que a outra pessoa está dizendo, para entender o que a conduz a dizer tal coisa, tentando nos colocar em seu lugar. Isto não é demagogia, é ouvir o que cada pessoa tem a dizer para se deixar transformar pessoalmente pelo diálogo. Pois isto é o que falta em nossa sociedade atual.

3 – Formar-se, para ter uma opinião e voz esclarecida sobre os assuntos em discussão.

Para que o discernimento dos grupos seja o mais justo e objetivo possível, é necessário garantir que eles sejam verdadeiramente representativos: diversidade de origens socioculturais e de gerações, é também muito importante, anteriormente, esclarecer aos participantes sobre os aspectos internos e externos das questões que estão sendo tratadas.

CONCLUSÃO

O processo sinodal quer coordenar a participação de todos, de acordo com a vocação de cada um, a fim de caminhar juntos ao ritmo de todos, mas acima de tudo ao ritmo de Cristo. Este processo nos convida, portanto, a desenvolver uma verdadeira cultura de escuta e de diálogo entre nós, onde a voz de cada pessoa seja livre e respeitosa para caminhar decididamente em direção a uma maior fraternidade. A atitude sinodal correta é a disponibilidade à inspiração do Espírito Santo, à sua presença, à sua ação. Escutando o outro, estando atentos ao que o Espírito nos comunica. O estilo sinodal de escuta requer confiança, abertura e coragem para entrar no horizonte de Deus, sem presumir saber tudo de antemão. A humildade é uma atitude essencial para o diálogo sinodal, porque se queremos impor nossas certezas a todo custo, não deixamos espaço para o Espírito. O processo sinodal inclui também o discernimento espiritual para discernir os sinais dos tempos e identificar os movimentos que refletem os valores do Reino de Deus ou aqueles que se opõem a eles. Esta experiência comunitária nos desafia, nos convida a nos converter verdadeiramente, e não continuar apenas em palavras.

Irmã Anne PRÉVOST
Filha da Caridade

50 ANOS DE PRESENÇA DAS FILHAS DA CARIDADE NO BURUNDI E EM RUANDA

PROVÍNCIA DA ÁFRICA CENTRAL

Em 8 de dezembro de 1971, três Filhas da Caridade chegaram ao Burundi com os Sacerdotes da Congregação Fidei Donum. Em 17 de maio de 1973, elas puderam fundar a primeira Comunidade em Mukungu, Ruanda (Diocese de Nyundo).

Em 27 de setembro de 1976, a primeira Irmã jovem burundiana iniciou o Seminário. Infelizmente, surgem grandes tensões no país, dez anos depois, a situação piora entre o Estado e a Igreja. Em 1987, todos os missionários foram expulsos do Burundi. As Irmãs nativas eram muito jovens para manter as missões que ainda estavam no início. Como não podemos pensar nas palavras de Jesus: *“Se em algum lugar não vos receberem nem vos escutarem, saí dali e sacudi o pó dos vossos pés em testemunho contra ele”* (Mc 6, 11).

Em 1996, além da casa situada no centro do Burundi, foram fundadas novas missões no país. Estamos felizes por celebrar os 50 anos do carisma vicentino no Burundi e em Ruanda. E faz dez anos que as Irmãs também vêm servindo os pobres na República Centro-Africana. No total, somos 104 Irmãs de 11 nacionalidades em cinco Comunidades no Burundi, sete em Ruanda com um Anexo e duas na República Centro-Africana. Por ocasião deste Jubileu, as Irmãs abrirão uma outra Comunidade em Muhwazi, Burundi, na Diocese de Ruyigi, perto da Tanzânia.

Um Ano Jubilar

Iniciado no Burundi em 8 de dezembro de 2021 em Ntobwe, na Diocese de Gitega, o Ano Jubilar foi encerrado em Ruanda no dia 7 de dezembro de 2022.

Várias comissões, em união com o Conselho Provincial, deram orientações práticas para viver este Ano Jubilar em oração e em espírito de adoração. As reflexões do Padre Diretor, acrescentadas às propostas da Comissão de Formação sobre a vida fraterna e a colaboração, fortaleceram nosso desejo de viver bem a nossa vida fraterna.

Outros compromissos foram apresentados para enriquecer este ano Jubilar:

- propor encontros com os pobres e os colaboradores;
- comprometer-nos a falar na Rádio Maria para apresentar nosso carisma, a vida dos Fundadores, a história da Companhia e da Província;
- reunir as ex-Filhas da Caridade para fazer com elas um caminho sinodal e viver uma partilha fraterna;
- abrir duas Comunidades: uma em Ruanda e outra no Burundi, em memória deste Jubileu;
- escrever um livro sobre a história da Província;
- elaborar uma lista das Irmãs que serviram em nossa Província, agradecer por aquelas que estão vivas e rezar por aquelas que já voltaram para o Pai, especialmente no aniversário de sua morte;
- fazer uma peregrinação aos santuários marianos e aos lugares das primeiras fundações.

Agradecemos a Deus por ter nos ajudado a colocar em prática a maioria destes compromissos e continuamos nossa jornada acreditando que a Divina Providência nos acompanha dia após dia.

Visita da Irmã Françoise PETIT, Superiora geral e da Irmã Theresa EKE, Conselheira Geral

“Como são belos sobre as montanhas os pés do mensageiro que anuncia a felicidade, que traz as boas-novas e anuncia a libertação e a paz!” (cf. Is 52, 7).

Em 1º de dezembro de 2022, as Irmãs da Casa Provincial acolheram a Irmã Françoise e a Irmã Theresa que acabavam de chegar a Quicuíro. Nos dias seguintes, elas visitaram seis Comunidades e tiveram a alegria de ver o quanto o carisma vicentino está vivo, seja na área de saúde através do compromisso das Irmãs nos Centros de Saúde das Dioceses, na área social onde encontram pessoas pobres de todas as categorias: famílias em busca de promoção, mulheres solitárias, doentes mentais ou doentes de HIV/AIDS, etc., e também no campo educacional com as creches e escolas primárias que as Irmãs administram para permitir que as crianças pobres, desde a primeira infância, se beneficiem de uma boa educação.

Em seguida, Irmã Françoise e Irmã Theresa conheceram os Padres Lazaristas que estão no Burundi e em Ruanda e as Irmãs do Seminário que ficaram felizes em ver a “sucessora de Santa Luísa de Marillac”. Depois de participar da Missa dominical em Rwisabi, saudaram o Bispo de Ngozi e, na Comunidade de Formação das Postulantes em Ntobwe, elas se encontraram com aproximadamente vinte Irmãs, ali reunidas para a ocasião, porque elas não puderam participar do encerramento do Ano Jubilar.

7 de dezembro de 2022: Encerramento do Ano Jubilar dos 50 anos da presença das Filhas da Caridade na África Central

“É preciso, portanto fazê-lo (o jubileu) com grande devoção, depois de se ter dado inteiramente a Deus, com todo o desejo possível de obter dele aquilo de que necessitamos. É nesta ocasião que as Filhas da Caridade devem pedir as três belas virtudes que compõem o seu espírito: a caridade, a humildade e a simplicidade” (São Vicente, conferência de 17 de abril de 1653, p. 407).

O encerramento do Ano Jubilar, originalmente previsto para 8 de dezembro de 2022, foi antecipado para o dia anterior, devido à presença da Irmã Françoise e da Irmã Theresa.

O dia 7 de dezembro de 2022 permanecerá inesquecível para mais de 80 Irmãs da Província, especialmente porque foi a primeira vez que pudemos nos encontrar desde a pandemia de Covid-19. Então cantamos duas vezes mais

alto: “*alegremo-nos, aleluia, aleluia!*” A celebração aconteceu com alegria e simplicidade. Havia muitos convidados: cristãos, não cristãos, vizinhos, beneficiários dos serviços prestados pela Comunidade Quicuquiro, líderes das comunidades eclesiais de base, outras congregações religiosas vizinhas, pessoas que exercem várias atividades profissionais na Casa Provincial, etc. Todos puderam participar.

Eucaristia, o centro da vida da Filha da Caridade

A Missa foi celebrada pelo Cardeal Kambanda, Arcebispo de Kigali com muitos Sacerdotes, Lazaristas ou da Comunidade Sacerdotal da Paróquia de São João Bosco, de Quicuquiro. O coro, composto de Irmãs jovens e jovens da JMV, garantiu a animação com a alegria e o entusiasmo da juventude.

Em sua homilia, o Cardeal Kambanda insistiu sobre o papel do carisma vicentino na Igreja: “*É fazer o que o Filho de Deus fez na terra, ou seja, trazer de volta as ovelhas perdidas pelo nosso modo de vida neste mundo que precisa de pessoas consagradas que se doam através de suas obras*”. A partir do Evangelho do dia, ele repetiu várias vezes que “*servir os pobres é servir Jesus Cristo*” e nos convidou a ir cada vez mais ao campo da educação, para formar crianças, ensinar-lhes os valores cristãos e vicentinos, inclusive o amor aos mais necessitados. Esta é a melhor maneira de ajudá-las a evitar de cometer crimes ou atos criminosos porque, disse ele, “*é melhor prevenir do que remediar*”.

Finalmente, Irmã Raymonde Nahimana, Visitadora, expressou sua gratidão às Irmãs que ajudaram-lhe a crescer na vocação através de seus exemplos de doação às Irmãs e aos pobres. Ela mencionou as Irmãs pioneiras: Irmã Bogdana, Irmã Carmen, Irmã Afani, Irmã Anka, Irmã Vesna, Irmã Manuela, assim como as primeiras Irmãs africanas: Irmã Patrícia, Irmã Prudence, Irmã Christine, Irmã Désirée... Ela também agradeceu aos antigos líderes regionais e às últimas Visitadoras por seus testemunhos de fidelidade e disponibilidade, encorajando a seguir em frente e a se tornarem cada vez mais autênticas servas no seguimento de Jesus, o Servo. Depois, no salão paroquial, todos: pobres, ricos, sacerdotes, religiosos, etc., se reuniram para uma refeição festiva, momento de alegria e de gratidão por todo o trabalho realizado para bem viver este ano Jubilar!

Entre os convidados mais pobres, alguns descobriram a beleza da Igreja e os diferentes serviços prestados pelas Filhas da Caridade. Uma mãe deu um

testemunho comovente dizendo: *"Na minha miséria, eu não compreendia mais porque tinha que acreditar em Deus, Aquele que me abandonou em extremas dificuldades. Ninguém podia me convencer de que Deus era Amor. Eu não via mais a razão de rezar e viver neste mundo perverso. Mas, quando vi a Irmã que veio visitar minha pobre e doente avó, quando a vi rezando com ela, admirei a generosidade de seu coração e, pouco a pouco, encontrei Deus. Observei o que ela fez para aliviar o sofrimento de minha avó; ela sempre nos falava de Deus e nos pedia para rezarmos com ela. Em meu coração eu recusei. Mas acima de minha vontade, pouco a pouco, algo me atraiu pelo exemplo desta Irmã. Finalmente, voltei à Igreja e aos Sacramentos, recuperei a força e a vontade de viver e consegui até mesmo trabalhar e economizar dinheiro. Hoje, vivo em minha própria casa, meus dois filhos vão à escola, reconheço minha dignidade e ninguém mais me despreza porque eles veem que eu também pude participar de minha própria promoção".* A alegria e a maneira como esta mãe falou de sua "ressurreição" foi um grande encorajamento para continuar a seguir em frente.

Irmã Theresa Eke compartilhou conosco uma mensagem que nos tocou muito. Além disso, sua pessoa, sua prática da língua francesa em tão pouco tempo, sua visão positiva das coisas, nos deu muita alegria e realmente nos desafiou. O Jubileu dos 50 anos, disse ela, *"não é um culminar, mas um começo para ir ainda mais longe, respondendo às necessidades atuais, indo e vindo através da fundação de pequenas Comunidades nos lugares mais remotos"*. Em seguida, Padre Nestor Gomez, Diretor Provincial, nos deu como presente a bênção do Papa Francisco para este Jubileu, uma imagem na qual o Papa agradece a dedicação das Irmãs ao serviço de Cristo naqueles que sofrem, especialmente entre os refugiados e prisioneiros.

Finalmente, o Cardeal encerrou o dia. O fato de que ele tenha permanecido conosco até o final, foi um sinal da fraternidade do Pastor no meio de suas ovelhas. Sua simplicidade tocou toda a assembleia. Alguns convidados testemunharam que este dia foi o mais bonito de suas vidas. De fato, em nossa sociedade, é raro que os pobres sejam convidados para participar de uma tal assembleia. *"O único lugar que posso me ver com tais pessoas é na Igreja"*, disse um deles.

Na manhã de 8 de dezembro, as Irmãs que haviam participado da celebração Jubilar, vindas de vários lugares da Província, puderam partilhar com a Irmã Françoise que expressou sua alegria ao ver nossa fidelidade ao carisma vicentino. Com toda simplicidade, ela nos encorajou a "viver bem juntas" para servir os mais pobres dos pobres e viver da melhor maneira



Testemunho

possível as convicções do Documento Interassembleia 2021-2027, incluindo os desafios que afetam um estilo de vida simples:

- Diante das atrações deste mundo atual: ser clara em nossos princípios, referindo-nos sempre ao Evangelho, aos ensinamentos da Igreja e de nossos Fundadores, e à vida de nossos “Senhores e Mestres”.
- Continuar avançando para o autofinanciamento a fim de viver dos nossos trabalhos e assumir os serviços que podemos apoiar.
- Renovar nosso coração e nosso espírito e viver uma vida fraterna de qualidade.

À tarde, Irmã Françoise e Irmã Theresa se encontraram com as Irmãs Serventes. No dia seguinte, elas visitaram a primeira Comunidade de Mukungu, fundada em Ruanda em 1973, e a Comunidade vizinha de Musango, fundada em 1987. Em 11 de dezembro, foi realizada uma reunião com o Conselho Provincial e no dia seguinte nossas duas visitantes retornaram à Casa Mãe.

Conclusão

Este Jubileu de 50 anos é uma graça que nos foi oferecida para olharmos o passado com gratidão e para nos lançarmos no futuro com esperança. Vivemos em união com a Igreja, que foi convocada a participar do Sínodo dos Bispos sobre a sinodalidade e, com a Companhia que nos ofereceu os frutos da Assembleia Geral. Obrigada à Irmã Françoise e à Irmã Theresa por sua presença simples e fraterna. Viva a Companhia, viva o carisma de São Vicente e de Santa Luísa!

Um grupo de Filhas da Caridade
Província da África Central

PROJETO PROMOVE SEPETIBA

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (BRASIL)

No dia 16 de março de 2009, um grupo de três Irmãs constituíram uma Comunidade sob o patrocínio de Catarina Labouré, no bairro de Sepetiba, Zona Oeste do Rio de Janeiro, com a distância de 70 km do centro da cidade.

A população local tem sua maior fonte de renda na pesca que foi muito afetada desde a poluição das praias de Sepetiba proveniente de esgoto vindo de rios locais como o Guandu e de metais pesados lançados na região pelo Porto de Itaguaí. Diante dessa situação difícil de desemprego, as Filhas da Caridade desenvolveram um projeto para buscar soluções alternativas para permitir aos mais vulneráveis a inserção no mercado de trabalho que está intimamente ligada à falta de qualificação profissional.

Era preciso começar pela conscientização dos habitantes sobre a importância de adquirir qualificações pessoais e profissionais. Iniciado em 2015, este Projeto se torna em 2019, “Projeto Promove Sepetiba” com o objetivo de estimular o potencial individual e coletivo da população da região de Sepetiba e adjacências. Trata-se principalmente de formar profissionalmente: (cabeleireiro, manicure, maquiador, designer de sobrancelhas, barbeiro) e de criar oficinas de beleza a preços populares, cuja renda é revertida para a manutenção do projeto.

Em razão da pandemia, as atividades foram interrompidas em março de 2020. As Irmãs e seus colaboradores buscaram novos meios de contribuir com o atendimento as muitas famílias desempregadas. O Projeto Promove

Testemunho

Sepetiba se uniu a outros 83 parceiros na campanha “*Rio contra o Corona*”, disponibilizando o seu número de whatsApp institucional que foi eficiente para encontrar as famílias mais afetadas na região. Além de catalogá-las, eram feitos os contatos para a entrega das cestas básicas em datas e horários previamente estipulados pelos voluntários e demais parceiros da Campanha.

A campanha “*Rio Contra o Corona*” arrecadou R\$ 62.281,00 por meio de financiamentos coletivos e *lives* no Instagram. Com esse valor foi possível realizar mais de 8.000 doações de cestas de alimentos e de produtos de higiene. O número de famílias atendidas chegou a mais de 5.000. Por esta iniciativa e parceria, o Projeto Promove Sepetiba foi premiado na ALERJ (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro) com o prêmio “Maria Carolina de Jesus” pelo trabalho realizado na região e a promoção dos direitos humanos.

O Projeto foi desenvolvido em três linhas de ação:

- assistência social e Jurídica;
- desenvolvimento do espírito de empreendedorismo;
- formação de três meses de oficinas de beleza com pré-vestibular comunitário.

Para que estas três linhas de ação sejam eficazes, foram estabelecidas parcerias com associações para a promoção social das pessoas.

Retomamos nossas atividades em janeiro de 2021. As salas de aulas passaram a funcionar com uma dezena de estudantes de forma a atender as orientações dos órgãos de saúde.

Esperamos que o Projeto Promove Sepetiba se torne um centro de referência na acolhida e promoção de vidas, sobretudo dos mais pobres.

Irmã Rizomar Bonfim FIGUEIREDO
Comissão de Projetos

AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO NOSSO MUNDO

Tive a felicidade de descobrir a história de Santa Catarina Labouré durante um programa de televisão que apresentou a vida desta pequena santa e do seu amor a Deus, à Capela das Aparições e à Comunidade das Filhas da Caridade. Nesta reportagem, as Irmãs testemunharam o fervor dos peregrinos que vão rezar na Capela, assim como toda a história da Medalha Milagrosa, a Medalha que conforta tantas pessoas, que nos protege e nos lembra o quanto somos amados por Deus e, em retorno, nos é pedido para rezarmos à Imaculada Conceição.

Fiquei muito tocado com este relatório porque tenho uma amiga que tem uma doença degenerativa muito grave e incurável, o médico me disse que ela tinha 18 meses de vida. Tenho fé, mas minha amiga não tem fé e gostaria de ter as palavras para fazê-la compreender e sentir todo o amor de Cristo por todos e cada um dos filhos de Deus. Já que ela foi batizada, eu lhe digo que ela carrega a luz de Cristo dentro dela e que ela deve alimentar esta luz. Digo-lhe também que rezo por ela e por seus amigos todos os dias. Ela começa a ficar um pouco emocionada com todos os gestos de presença amorosa de seus amigos e descobre a empatia deles, um sentimento do qual ela não tinha nenhuma experiência antes.

Gostaria de lhe dar uma Medalha Milagrosa e contar-lhe a história da Medalha, por isso venho até a senhora na esperança de conseguir algumas Medalhas Milagrosas. Gostaria muito de usar uma, de dar uma à minha esposa e filha que também sofrem de doenças crônicas há muito tempo. Gostaria também de dá-la a alguns amigos que precisam dela. Não tenho ideia do valor

Testemunho

monetário de uma Medalha Milagrosa, por isso estou enviando esta oferta, gostaria de ter uma dúzia, se possível. Espero que este dinheiro canadense cubra o custo, e se for um pouco mais do que isso, guarde o excedente para suas boas obras.

Atrevo-me a perguntar outra coisa. Poderia escrever para minha amiga algumas palavras de encorajamento em uma folha de papel timbrado de sua congregação, para que ela saiba que Cristo a conhece e que tudo o que ela tem que fazer é aceitar sua presença em seu coração? Parece-me que isto poderia fazer-lhe o maior bem, pois ela se sente perdida diante da morte, ela gostaria de encontrar a fé e ter direito à felicidade eterna prometida aos filhos de Deus, mas tem muita dificuldade em acreditar. Ela não é uma pessoa ruim, longe disso, ela está apenas muito “lá na terra” e não teve a oportunidade de conhecer Deus em sua família.

Consegue imaginar? Uma pequena mensagem assinada pela senhora e uma Medalha, só para ela, só para ela! Tenho certeza de que isto lhe dará muita felicidade e esperança. Deus está em toda parte, é por isso que estou falando com a senhora, tenho a sensação de que vamos dar-lhe muita esperança, sem prometer-lhe uma cura, mas vamos alimentar sua pequena luz, sua fé que certamente vai crescer. Pessoalmente, rezo todas as noites por sua cura e acreditarei até o último minuto na possibilidade de uma cura milagrosa porque Maria disse: *“Quando você acredita que tudo está perdido, eu estou lá”*. Também rezarei e suplicarei a Santa Catarina Labouré e acrescentarei esta invocação “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”.

Eu lhe agradeço, Irmã e espero que a senhora dê seguimento ao meu pedido. Espero ler e em breve receber as Medalhas Milagrosas. Meu coração se encherá de alegria quando eu entregar sua pequena palavra de encorajamento e a Medalha à minha amiga que está muito doente no momento. Que Deus a abençoe e a preencha com suas bênçãos, continue a semear alegria e esperança no coração dos filhos e filhas de Deus. Obrigado por suas orações.

Senhor MICHEL
Quebec - Canadá